

FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

ARQUITECTURAS REVISITADAS

PROPOSTA DE UM NOVO MERCADO DO BAIRRO ALTO NAS RUINAS DO PALÁCIO DOS LUMIARES

Mariana Dias Meixedo

(Licenciada)

Projecto para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

(Mestrado Integrado em Arquitectura com Especialização em Arquitectura de Interiores)

Orientador Científico: Doutora Arqt^a Dulce Loução

Co-Orientador: Doutor Paulo Pereira

Júri

Presidente: Doutor Manuel dos Santos Afonso

Arguente: Doutor João Nuno de Carvalho Pernão

DOCUMENTO FINAL

Lisboa, FAUL, Novembro de 2013

RESUMO

Título

Arquitecturas Revisitadas
Proposta de um Novo Mercado do Bairro
Alto nas ruínas do Palácio dos Lumiares

Nome

Mariana Dias Meixedo

Orientador científico

Doutora Arquitecta Dulce Loução

Co-orientador

Doutor Paulo Pereira

Mestrado Integrado em Arquitectura com
especialização em Arquitectura de
Interiores

Lisboa, Novembro de 2013

A investigação levada a efeito incide sobre o conceito de mercado e a sua adaptação às necessidades culturais e sociais de hoje, reinventando assim um espaço público de acordo com a identidade do Bairro Alto.

Situado nos limites do Bairro Alto, junto ao Miradouro de São Pedro de Alcântara e ao Elevador da Glória, as ruínas do Palácio Lumiares tornam-se local de intervenção e é com estas que se entendem conceitos como o *fachadismo*, bem como a importância de manter a nossa herança como identidade, tanto do lugar como própria.

A temática escolhida, *Arquitecturas Revisitadas*, advém da necessidade de “revisitar” o mercado enquanto espaço público - mantendo a essência deste como polo dinamizador e local de permanência -, este, em concreto, necessário no Bairro Alto-, mas readaptando-o a novas necessidades e às características essenciais do Bairro.

A partir da tipologia de mercado é trabalhado o conceito de adaptabilidade como modo de continuidade do construído. Assim, neste projecto, o espaço de mercado além de ser adaptável e flexível ao uso que lhe é inerente, pode futuramente ter outras funções que sejam mais oportunas no contexto urbano real onde se insere.

O seguimento deste estudo reflecte o percurso do projecto que o acompanha, reflectindo-se sobre problemáticas intrínsecas às intervenções em pré-existências, sem nunca esquecer o que isso implica na questão da identidade do lugar e da história, quando se pretende a sua reconversão ou adaptação.

Palavras-Chave: Bairro Alto, Palácio Lumiares, Pré-existências, Mercado, Adaptabilidade

ABSTRACT

Title
Revisited Architectures
Proposal of Bairro Alto's New Market in
the ruins of Lumiares' Palace

Name
Mariana Dias Meixedo

Main Advisor
D.Arch Dulce Loução

Co-Advisor
Ph.D Paulo Pereira
Integrated Masters in Architecture with
specialization in Interior Architecture

Lisbon, November of 2013

The investigation takes effect upon the concept of market and it's adaptation to today's social and cultural needs, reinventing this way the public space according to Bairro Alto's identity.

Situated in the limits of Bairro Alto, next to São Pedro de Alcântara viewpoint and to Glória's elevator, the ruins of the Lumiares' palace become local of intervention, and it's with these that concepts like *Fachadism* are understood, as well as the importance to keep our inheritance as identity of the site and our own.

The chosen thematic Revisited Architectures comes from the necessity of "revisiting" the market as a public space - keeping its essence as a driving force and permanence place - now necessary in Bairro Alto, but readapting it to new necessities and the essential characteristics of the neighborhood.

From the market the concept of adaptability is worked upon as a mode of continuity of the constructed, therefore, in this project, the space of the market is adaptable and flexible beyond the inherent use, being able to have other more opportune functions in the context of the Bairro Alto in the future.

The following of this study reflects the route of the project that accompanies it, reflecting upon problems intrinsic to interventions in the pre-existing building, without forgetting what that implies in the question of historic and place identity, when a reconversion or adaptation is intended.

Keywords: Bairro Alto, Lumiares' Palace, Pre-existing Building, Market, Adaptability.

AGRADECIMENTOS

À minha família...ao meu pai e minha irmã pelo apoio incondicional e força que me deram, à minha mãe agradeço pelas longas, e às vezes exaustivas, conversas sobre projecto onde me deu determinação para ser sempre melhor, apoiando me e dizendo sempre a coisa certa no momento exacto.

Ao André, que com o seu apoio e dedicação esteve sempre presente em todos os momentos, mesmo os mais difíceis, acreditando sempre na minha capacidade para ultrapassá-los. Pela paciência infinita, e por fazer de mim uma pessoa melhor.

À Cecília, ao Amílcar e avó Cecília que me apoiaram incondicionalmente e ajudaram-me em todas as etapas do meu curso, acreditando sempre que eu seria capaz de ultrapassar cada uma delas.

À Professora Dulce Loução pela sua presença e palavra amiga, logo desde o início do curso, que me influenciou e incentivou ao longo de todo estes anos, deixando-me com a vontade de querer fazer sempre mais e melhor.

Ao Professor Paulo Pereira pela sua dedicação e incentivo, que me ajudaram de certa forma a evoluir e a acreditar que era capaz.

Ao Professor João Pernão que de certa forma fez parte do meu percurso ajudando-me e motivando-me na realização do projecto.

Por último, e não menos importante, aos meus amigos, cuja paciência e presença, em todos os momentos de dificuldade, contribuíram para a finalização de mais uma etapa da minha vida. E a todas as pessoas que directa ou indirectamente me ajudaram nesta grande etapa.

A todos a minha sincera gratidão

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
ESTADO DA ARTE	5
PARTE I – O MERCADO COMO ARQUITECTURA REVISITADA	11
1. Breve passagem histórica	11
2. O mercado em Portugal: Os mercados de Hoje	14
3. O mercado em Portugal: Os mercados do Futuro	16
PARTE II – ANÁLISE E CONTEXTUALIZAÇÃO DO BAIRRO ALTO	19
1. Contexto Histórico	19
2. Análise Urbana	21
PARTE III – PALÁCIO LUMIARES COMO LUGAR DE INTERVENÇÃO	27
1. Localização	27
2. Contexto Histórico	28
3. Contexto Actual	30
PARTE IV – ESPAÇO BAIRRO ALTO	33
1. Uma Primeira Abordagem	34
2. A ideia “A Caixa dentro da Caixa”	36
2.1. No contexto da Reutilização	37

3. Uma Ruína, uma Fachada	39
4. Um novo conceito para um novo Mercado	41
5. Proposta Funcional	44
6. Descrição do Projecto	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
BIBLIOGRAFIA	53
ANEXOS	57
ÍNDICE DE ANEXOS	59
ANEXO I – Referências	61
ANEXO II – Processo de Trabalho	67
ANEXO III – Peças Desenhadas	91
ANEXO IV – Pormenores	107

ÍNDICE DE IMAGENS

PARTE I – O MERCADO COMO ARQUITECTURA REVISITADA

I. BREVE PASSAGEM HISTÓRICA

Fig. 1 - Axonometria do Mercado de Trajano <i>in:</i> http://www.urbipedia.org/images/3/33/Mercado_trajano.perspectiva.jpg	11
Fig. 2 – Souk <i>in:</i> http://www.pommietravels.com/2010/10/video-walking-through-the-souk-in-marrakech/	11
Fig. 3 – Mercado Ferreira Borges <i>in:</i> http://lh6.ggpht.com/_FkKgTD17ngU/S_FD-jDm54I/AAAAAAAAABa4/jQ6DhDAuEn8/s1600-h/ce63%5B4%5D.jpg	12
Fig. 4 - Interior dos Halles Centrales <i>in:</i> http://content.lib.washington.edu/cdm4/item_viewer.php?CISOROOT=/buildings&CISOPTR=12352	12
Fig. 5 – Mercado de Vila da Feira <i>in:</i> http://arquiteturaportuguesa.blogspot.pt/2013/04/fernando-tavora.html	13
Fig. 6 – Pátio do Mercado de Vila da Feira <i>in:</i> http://arkitectos.blogspot.pt/2008/04/mercado-municipal-da-vila-da-feira-1959.html	13
Fig. 7 – Mercado de Braga (muro de pedra que marca todo o percurso) <i>in:</i> http://pracadobocage.wordpress.com/2011/04/03/a-clareza-da-arquitectura/	13
Fig. 8 – Interior Mercado de Braga <i>in:</i> http://www.ducciomalagamba.com/imagenes.php?IdProyecto=290&Nom_Imagen=012-290.jpg&Idioma=Cs&IdImagen=7401	13

2. O MERCADO EM PORTUGAL: Os Mercados Hoje

Fig. 9 – Mercado de Lagos (exterior) fotografia da autora, 2012	15
Fig. 10 – Piso da fruta e legumes fotografia da autora, 2012	15

Fig. 11 - Ligação entre o mercado e o Centro de Ciência Viva fotografia da autora, 2012	15
Fig. 12 - Mercado do Pinhal Novo (exterior) <i>in:</i> http://www.silvadias-arquitectos.pt/home.html	15
Fig. 13 - Praça na qual se organiza o mercado <i>in:</i> http://www.silvadias-arquitectos.pt/home.html	16
Fig. 14 - Mercado de Loulé (exterior) fotografia da autora, 2012	16

3. O MERCADO EM PORTUGAL: Os Mercados do Futuro

Fig. 15 - Mercado Temporário de Barceló <i>in:</i> http://marcoali.blogspot.pt/2011/01/mercado-temporal-de-barcelo-madrid.html	17
Fig. 16 - Novo Mercado de Barceló <i>in:</i> http://www.madridesmadrid.com/index.php/category/mercado/	17
Fig. 17 - Mercado Temporário de Barceló <i>in:</i> http://diariodesign.com/2010/02/nieto-y-sobejano-firman-la-sede-provisional-del-mercado/	17
Fig. 18 - Mercado do Bom Sucesso (interior) <i>in:</i> http://shoppingspirit.pt/2013/05/28/hotel-da-musica-inaugura-a-13-de-junho-no-novo-mercado-do-bom-sucesso/	17
Fig. 19 - Mercado do Bom Sucesso (interior) <i>in:</i> https://www.facebook.com/cidadedoporto	17

PARTE II - ANÁLISE E CONTEXTUALIZAÇÃO DO BAIRRO ALTO

I. CONTEXTO HISTÓRICO

Fig. 20 - Rua do Bairro Alto <i>in:</i> CLEMENTE, Augusto, RIBEIRO, Rogério, "Lisboa - Pelouro da reabilitação urbana nos núcleos históricos", ed. Câmara Municipal de Lisboa, 2000, p.93	19
Fig. 21 - Terreno de Guedelha Palaçano <i>in:</i> CAVACO, João, "Análise Urbana do Bairro Alto", Laboratório de Projecto de Interiores II, 2010/11	20
Fig. 22 - Primeira edificação e início da 2ª <i>in:</i> CAVACO, João, "Análise Urbana do Bairro Alto", Laboratório de Projecto de Interiores II, 2010/11	20
Fig. 23 - Segunda edificação <i>in:</i> CAVACO, João, "Análise Urbana do Bairro Alto", Laboratório de Projecto de Interiores II, 2010/11	20

2. ANÁLISE URBANA

Fig. 24 – Malha do Bairro Alto imagem elaborada pela autora, 2012	22
Fig. 25 – Fachadas do Bairro Alto fotografia da autora, 2012	22
Fig. 26 – Estudo de Cor das fachadas dos edifícios do Bairro Alto <i>in</i> : CLEMENTE, Augusto, RIBEIRO, Rogério, “Lisboa – Pelouro da reabilitação urbana nos núcleos históricos”, ed. Câmara Municipal de Lisboa, 2000, p.99	23
Fig. 27 – Rua da Rosa (Bairro Alto) fotografia da autora, 2012	24
Fig. 28 – Miradouro de S. Pedro de Alcântara fotografia da autora, 2012	24
Fig. 29 – Jardim do Príncipe Real fotografia da autora, 2012	24
Fig. 30 – Edifício na Rua de S. Pedro de Alcântara fotografia da autora, 2012	25
Fig. 31 – Pátio do Tijolo fotografia da autora, 2012	25
Fig. 32 – Estudo do Estado de Conservação dos edifícios do Bairro Alto <i>in</i> : CLEMENTE, Augusto, RIBEIRO, Rogério, “Lisboa – Pelouro da reabilitação urbana nos núcleos históricos”, ed. Câmara Municipal de Lisboa, 2000, p.99	26
Fig. 33 – Edifícios em Estado de Abandono imagem elaborada pela autora, 2012	26

PARTE III - PALÁCIO LUMIARES COMO LUGAR DE INTERVENÇÃO

I. LOCALIZAÇÃO

Fig. 34 – Sinalização do Palácio Lumiares na Rua de São Pedro de Alcântara <i>in</i> : http://www.bing.com/maps/#Y3A9MzguNzA2OTAyfi05LjEzNTYwMCZsdmw9NCZzdHk9cg==	27
---	----

2. CONTEXTO HISTÓRICO

Fig. 35 – Patamar do andar nobre <i>in</i> : Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA), foto.00657200	29
Fig. 36 – Corte Transversal com o patamar do andar nobre em vista <i>in</i> : FRANÇA, José-Augusto, “A Sétima Colina”, ed. Livros Horizonte, 1994, p.75	29

Fig. 37 – Fachada principal – devoluto <i>/n: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA), foto.00657206</i>	29
---	----

3. CONTEXTO ACTUAL

Fig. 38 – Interior do Quarteirão fotografia da autora, 2012	30
Fig. 39 – Fachada Tardoz/Interior fotografia da autora, 2012	30
Fig. 40 – Planta antes das demolições e em corte o que existe hoje (piso 0) imagem elaborada pela autora, 2013	30
Fig. 41 – Fachada Principal fotografia da autora, 2012	31
Fig. 42 – Detalhe vão da Fachada Principal fotografia da autora, 2012	31
Fig. 43 – Alçado tardoz fotografia da autora, 2012	31

PARTE IV - ESPAÇO BAIRRO ALTO

1. UMA PRIMEIRA ABORDAGEM

Fig. 44 – Imagem tridimensional das fachadas imagem elaborada pela autora, 2013	34
Fig. 45 – Vista a partir do miradouro fotografia da autora, 2012	34
Fig. 46 – Modelo tridimensional da primeira abordagem imagem elaborada pela autora, 2012	35
Fig. 47 – Algumas maquetes de diferentes abordagens fotografias da autora, 2013	35

2. A IDEIA: "A CAIXA DENTRO DA CAIXA"

Fig. 48 – Teatro Cinema de Fafe <i>/n: http://www.glbs.pt/web/zp/tpl/idl/portfolio/ficha.asp?P_cod_portfolio=207</i>	36
Fig. 49 – Caixa Forum (Madrid) <i>/n: http://europaconcorsi.com/projects/16682-Caixaforum-Madrid</i>	36
Fig. 50 – Diagrama Teatro Cinema de Fafe <i>/n: http://www.glbs.pt/web/zp/tpl/idl/portfolio/ficha.asp?P_cod_portfolio=207</i>	36

Fig. 51 – Diagrama relações entre o exterior e o interior do quarteirão imagem elaborada pela autora, 2013	37
---	----

3. UMA RUINA, UMA FACHADA

Fig. 52 – Projecto Benetton de Luciano Giorgi e Liliana Bonforte <i>in:</i> http://europaconcorsi.com/projects/125288-benetton-vicenza	40
--	----

Fig. 53 – Novos vão (Caixa Forum) <i>in:</i> http://europaconcorsi.com/projects/16682-Caixaforum-Madrid	40
---	----

Fig. 54 – Cofragem – Creche e Jardim de Infância da Ramada fotografia da autora, 2013	41
--	----

Fig. 55 – Cofragem – Teatro Thalya fotografia da autora, 2012	41
--	----

4. UM NOVO CONCEITO PARA UM NOVO MERCADO

Fig. 56 – Interior Mercado do Forno do Tijolo fotografia da autora, 2013	42
---	----

Fig. 57 – Feira da Ladra fotografia da autora, 2013	42
--	----

Fig. 58 – Axonometria em corte do núcleo comercial imagem elaborada pela autora, 2013	43
--	----

Fig. 59 – Axonometrias dos módulos comerciais – portas fechadas e portas entre abertas imagem elaborada pela autora, 2013	43
--	----

Fig. 60 – ESPAÇO BAIRRO ALTO (vivência de mercado de biblioteca) imagens elaboradas pela autora, 2013	43
--	----

6. DESCRIÇÃO DO PROJECTO

Fig. 61 – Modelo Tridimensional imagem elaborada pela autora, 2013	44
---	----

Fig. 62 – Fachada Oeste fotografia da autora, 2012	45
---	----

Fig. 63 – Diagrama do Edificado imagem elaborada pela autora, 2013	45
---	----

Fig. 64 – Corte Esquemático no núcleo de acesso oeste imagem elaborada pela autora, 2013	45
---	----

Fig. 65 – Corte Perspético do Poço de Luz imagem elaborada pela autora, 2013	46
---	----

Fig. 66 – Axonometria dos Diferentes Pisos imagem elaborada pela autora, 2013	46
Fig. 67 – Corte Esquemático do Miradouro imagem elaborada pela autora, 2013	47
Fig. 68 – Branco NCS S 1005-Y <i>in:</i> http://www.tintasepintura.pt/CoresNCS/NCScolors.html#	48
Fig. 69 – Aço Corten <i>in:</i> http://assimeugosto.com/2010/05/06/aco-corten/	48
Fig. 70 – Aço Corten Caixa Forum <i>in:</i> http://europaconcorsi.com/projects/16682-Caixaforum-Madrid	48
Fig. 71 – La Tallera Siqueiros Frida Escobedo <i>in:</i> http://europaconcorsi.com/projects/217047-La-Tallera-Siqueiros	48
Fig. 72 – Azulejo fachada Bairro Alto fotografia da autora, 2012	48
Fig. 73 – Microcimento cor “Prata” <i>in:</i> http://www.microcimento-lisboa.com/content/cores.php	49
Fig. 74 – Mármore Branco Carrara <i>in:</i> http://claramar.com.br/projects/marmore-branco-carrara/	49
Fig. 75 – Parklex Gold <i>in:</i> http://www.parklex.com/eng/productos/acabados.asp?id_g=2&id=4	49
Fig. 76- Estudo de Cor e Fachadas fotografia da autora, 2013	49
Fig. 77 – Iluminação externa aos espaços comerciais Imagem elaborada pela autora, 2013	50

INTRODUÇÃO

PROBLEMÁTICA

No âmbito do programa lançado no semestre IX, com o tema ESPAÇOS NO INTERIOR DA CIDADE-LISBOA DAS SETE COLINAS, objectivou-se a compreensão e conhecimento preliminar da cidade de Lisboa através da aproximação desta pelos fragmentos urbanos que a compõem. Assim, e no decorrer do tema proposto pela Professora Dulce Loução, *Arquitecturas Revisitadas*, foi possível desenvolver e aprofundar o trabalho até aí desenvolvido. Partindo da análise urbana de uma zona da cidade de Lisboa – Bairro Alto – foi feita uma aproximação, trabalhando do geral para o particular, que permitiu definir uma área de estudo onde uma intervenção contribuiria para a regeneração local.

Com o avançado estado de degradação em que se encontra o Bairro Alto, bem como o contraste de vivências que existe entre a noite e o dia, pretende-se desenvolver uma proposta de um novo mercado para o Bairro Alto com vista a melhorar a composição urbana, oferecendo-lhe serviços e um espaço público de encontro que permita relações entre o espaço fora e dentro dos limites do Bairro, mantendo a sua identidade enquanto bairro histórico, característico e definidor de Lisboa, tendo sempre por base a evolução necessária para este tipo de equipamentos. E, claro está, as características essenciais de um mercado neste contexto urbano.

HIPÓTESE

Será proposta a ocupação de um quarteirão em ruína composto pelo Palácio Lumiares, em que a partir do seu vazio interior e utilizando a ruína como cenário, se pretende reocupá-lo com novas vivências através do desenho de um mercado. O desenvolvimento de um mercado surge como necessidade social e de relação do espaço urbano com a comunidade. Assim, esse quarteirão serve de ponto de convergência entre ruas, locais, serviços e pessoas. Um local de passagem e de permanência, um espaço que promove a comunhão entre quem vive aquele bairro.

Procura-se ocupar esse quarteirão com o desenho de um mercado e usufruir da ruína como cenário para a retoma de utilizações que se foram perdendo no tempo e que agora, por vivências sociais alteradas, são necessárias, tendo em conta até que ponto uma intervenção composta por um mercado pode relacionar o espaço “de fora” com o espaço dentro dos limites do Bairro Alto.

Pretende-se interpretar, também, as ruínas bem como o lugar em que estas se inserem como modo de reflectir as questões da memória e identidade do lugar, e de que modo estas questões são transmitidas.

É importante manter a dicotomia noite/dia – esta, bem presente no Bairro Alto- no interior do quarteirão, através da oferta de vivências nocturnas e diurnas, abrindo espaço para zonas de encontro e intersecção de ruas através da relação interior/exterior do quarteirão.

Através desta intervenção, a principal intenção, prende-se com o desenho de um mercado, como espaço público de encontro, para novos usos e novas vivências, em que o conceito adjacente ao próprio espaço é revisto e adaptado a novas necessidades, tendo este que ser flexível ao tempo, aos usos e às necessidades, tornando-se num polo dinamizador deste fragmento urbano, desenvolvendo, assim, um espaço adaptável ao tempo e aos usos como modo de permanência e reutilização do construído.

Pretende-se atingir na componente prática, através da intervenção no Palácio Lumiares, a concretização de todos os objectivos, ensaiando-os e trabalhando-os, requalificando, assim, o espaço agora em ruínas a partir de um projecto de apropriação do espaço interior existente.

Numa primeira fase procedeu-se à recolha de documentação cartográfica e bibliográfica sobre a área de estudo. Partindo de um estudo do geral para o particular iniciou-se a análise urbana do Bairro Alto seguido do aprofundar de conhecimentos sobre o Palácio Lumiares, estes através do estudo dos seus desenhos técnicos, cedidos pelo Arquivo Municipal de Lisboa, análise de registos fotográficos e o seu contexto histórico.

Foram realizadas várias visitas ao local, tanto ao palácio como a toda a área composta pelo Bairro Alto. Em paralelo recorreu-se ao uso de modelos tridimensionais e desenhos – técnicos e/ou à mão levantada – com a finalidade de se explorar as relações entre o espaço projectado com a pré-existência e estes com o espaço urbano que os rodeia.

ESTRUTURA

A estrutura do presente documento espelha o desenvolvimento e organização da componente prática que o acompanha. Assim sendo, este divide-se em quatro partes: Os Mercados como Arquitectura Revisitada, Análise e Contextualização do Bairro Alto, Palácio Lumiares como lugar de intervenção e, por fim, Espaço Bairro Alto. A análise destes componentes é feita separadamente mas encontram-se directamente relacionados permitindo uma análise do geral para o particular.

A primeira parte foca-se integralmente nos mercados como arquitectura revisitada do presente trabalho, permitindo uma introdução à sua temática, onde além de uma breve abordagem histórica, se tem em conta o entendimento dos mercados de hoje e dos projectados para o futuro.

Na segunda parte especifica-se o estudo do Bairro Alto, iniciando com o seu contexto histórico seguido da análise urbana, esta extremamente importante para melhor entender o tipo de intervenção necessária para esta área de estudo. A análise urbana subdivide-se com o estudo dos limites geográficos, a malha urbana, a imagem do Bairro Alto, os espaços públicos e o estado de conservação, sendo estes estudos necessários à compreensão do local, da sua identidade e da sua memória.

A terceira parte foca-se no local de intervenção, o Palácio Lumiares, além de o contextualizar historicamente, demonstrando o seu estado actual relacionando este com a prática do *fachadismo* e qual a consequência desta na compreensão da Identidade urbana.

Na quarta e última parte é descrita a aplicação prática através do projecto, este relaciona-se directamente com todas as partes anteriormente desenvolvidas, com o objectivo de responder às necessidades urbanas e sociais do bairro, ocupando um quarteirão vazio no seu interior de modo a reconectá-lo com o espaço urbano envolvente. Utilizando esta intervenção pretende-se regenerar o Bairro Alto enquanto Lugar e reavivar a sua Identidade Urbana.

ESTADO DA ARTE

“O Bairro Alto marca a passagem do séc. XVI para o séc. XVII na vida urbana de Lisboa e a aquisição de uma nova consciência urbanística e arquitectónica” na cidade (FRANÇA 2005:19). Assim, a preservação e valorização do seu património construído contribuem para o reforço da sua identidade cultural.

No contexto do Bairro foram realizados diversos estudos de caracterização da evolução morfológica, da sua história e mesmo a nível cultural. Entre esses estudos destaca-se o livro “Lisboa – pelouro da reabilitação urbana nos núcleos históricos”, obra publicada pela Câmara Municipal de Lisboa com a coordenação de Rogério Ribeiro e Augusto Clemente. Neste livro Lisboa é descrita através dos seus bairros, entre eles o Bairro Alto, caracterizando-o tanto a nível histórico e socioeconómico, como – e tendo em vista uma análise urbana e morfológica – a tipologia dos edifícios, o número de pisos, o tipo de intervenção necessário, o estado de conservação e mesmo a cor dos edifícios que compõem o bairro. É um apontamento bibliográfico que se torna bastante importante quanto à caracterização do território a intervir, bem como quanto ao tipo de intervenção necessária.

No “Manual de Apoio à Reabilitação dos Edifícios do Bairro Alto”, obra de António Reis Cabrita, José Aguiar e João Appleton, percebe-se o objectivo de estabelecer critérios de intervenção e de gestão urbana compatíveis com as vivências sociais e os usos diários. Para isso, foram estudados – neste livro – diversos edifícios habitacionais, como exemplo de reabilitação do Bairro Alto, onde são constatados os tipos de intervenção que melhor se adaptariam ao bairro, mantendo assim a sua identidade. É essa identidade que caracteriza todo este fragmento de Lisboa, e por isso, todo o processo de alteração do mesmo tem que ser pensado e detalhado.

Em análises feitas ao Bairro Alto, relativamente a edifícios degradados ou em completa ruína, conclui-se pela existência de um aglomerado significativo de edifícios nessas condições, sendo relevante destacar o Palácio dos Lumiares – local de intervenção. Com diversos estudos e mesmo intervenções arqueológicas detém uma enorme importância na caracterização do Bairro Alto. Faz parte da análise feita ao Palácio dos Lumiares os registos do Arquivo Municipal de Lisboa onde se relatam cronologicamente as passagens a que este edifício/local foi sujeito. Neste lugar, onde, já no século XVI existiu o Palácio dos Andrades que se manteve até ao século XVIII, e que após alguns indícios de ruína, D. Leonor de Távora – que adquiriu o imóvel –, deu ordem de demolição e fez construir o Palácio dos Lumiares, o qual se encontra agora em ruína.

Num registo da DGEMN – Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – da autoria de Teresa Furtado datado de 1994 e depois revisto e actualizado por Cláudia Morgado em 2002, o palácio “de volumetria paralelepédica, maciça e planta longitudinal com quatro pisos, ocupa a totalidade do quarteirão onde se insere, apresentando na sua composição e planta referências a modelos maneiristas(...)” (MORGADO 2002), sendo este caracterizado – no registo – em relação a toda a sua evolução enquanto edifício e as suas diferentes fases de adaptação ao longo do tempo. Neste registo são descritos os seus elementos arquitectónicos exteriores e interiores que garantem uma melhor percepção do lugar e da sua memória. Estes registos são de extrema importância, pois embora o edifício esteja em ruína é necessário o conhecimento do que foi no passado para projectar o futuro, sem esquecer que ao prevalecer a fachada, prevalece também a memória do local que é importante manter numa nova intervenção.

No título bibliográfico “Cor e Cidade Histórica – estudos cromáticos e conservação do património” de autoria de José Aguiar, livro de enorme importância para a compreensão dos conceitos relativos à conservação do património bem como do estudo e projecto da cor no mesmo, destaca-se na temática a tratar neste relatório o capítulo “o problema da conservação da identidade e imagem urbanas”, em que se identifica a constante perda de identidade, esta muitas vezes devido à prática do já referido “*fachadismo*” – tema discutido neste livro – que, segundo o autor, funciona “como perversão da autenticidade e da identidade urbanas” (AGUIAR 2005:136), caracterizando assim a pré existência quanto ao seu

estado actual.

Tendo em consideração a intervenção numa pré-existência é de salientar o livro “Old Buildings, New Designs – Architectural Transformations” de Charles Bloszies em que o autor explora este tipo de intervenções destacando a necessidade para preservar o construído bem como melhorá-lo através de intervenções necessárias no existente. O livro divide-se em cinco capítulos que se inserem gradualmente no tema das pré-existências, começando por falar de edifícios antigos, passando por novas propostas de *design* e acabando nos casos de estudo, assaz importantes para colmatar e completar todas as conclusões enunciadas nos capítulos anteriores.

Tendo isto em consideração propõem-se assim uma intervenção no Bairro Alto através da proposta de criação de um espaço público, para e da comunidade, através do desenho de um mercado, reocupando a ruína do Palácio dos Lumiares.

“ As relações entre a história das cidades e as suas respetivas necessidades de abastecimento conduzem-nos a um conjunto de atitudes comerciais que ao longo dos séculos constituíram páginas importantes no desenvolvimento urbano e regional” (VELASCO 1995:2).

Aliás, os mercados demonstram uma enorme importância no tecido urbano em que se inserem, funcionando muitas vezes como polo central. Os mercados para além da componente económica desenvolveram desde sempre outros aspectos importantes no relacionamento entre populações. “Ponto de encontro entre os que oferecem e os que procuram é um local privilegiado de convívio, onde a expressão popular vive livremente nas suas mais genuínas formas de comunicação (...)” (VELASCO 1995:2)

De carácter evolutivo é de salientar a investigação desenvolvida para a dissertação de obtenção de grau de mestre em Arquitectura de Ana Rita Casaleiro de Oliveira com o tema “Evolução do Conceito de Mercado em Portugal da Arquitectura do Ferro à Arquitectura contemporânea” que se prende com o objectivo da análise de edifícios de mercado desenvolvidos no contexto arquitectónico português no período compreendido entre o final do século XIX e o início do século XXI. Assim pretende-se compreender a “evolução do conceito subjacente ao acto de projectar um mercado, ao longo de três períodos temporais – arquitectura do ferro de finais de oitocentos, arquitectura moderna de meados do século XX e a arquitectura contemporânea do final de século na transição para o século XXI.” (OLIVEIRA

2008:ii)

As conclusões são sustentadas pela análise e comparação de nove casos de estudo distribuídos pelas três fases.

Fazendo ainda parte da pesquisa de cariz evolutivo dos mercados em Portugal não se pode deixar de falar de exemplos como, o antigo Mercado da Praça da Figueira, ou do ainda hoje conhecido Mercado da Ribeira que foram criados em diferentes períodos no contexto oitocentista, para satisfazer as necessidades de abastecimento das épocas correspondentes, ou mesmo da importância nos dias de hoje de mercados como o Mercado do Pinhal Novo, terminado em 2009, que agrega vários tipos de serviços no mesmo equipamento de modo a satisfazer as necessidades de agora e de amanhã. Analisando a morfologia projectual destes três exemplos percebe-se as mudanças das necessidades da população e mesmo as alterações das vivências sociais e urbanas.

No estudo dos “Mercados Públicos: metamorfoses de um espaço na história urbana” de Silvana Maria Pintaudi percebe-se, claramente, que embora a presença de um mercado público como local de abastecimento nunca tenha sido questionado, quando esse costume sofre uma rutura com a presença de outras formas de abastecimento, mais modernas, tem que surgir a possibilidade de uma “metamorfose” do mercado público, havendo espaço para um mercado “tradicional” evoluído que preserve a sua identidade e a do lugar. Se estes espaços não sofrerem uma alteração corre-se o risco de se perderem. Com este estudo a autora conclui que os mercados que se flexibilizaram encontraram um novo momento na história e voltam a ser vividos no quadro da ordem económica em que vivemos; aqueles que não se adaptaram, deixaram de ser funcionais e, eventualmente, acabarão por desaparecer. Para a projecção de um mercado o conhecimento acerca destes não pode estagnar-se apenas ao actual, “ (...) mas deve também projectar um futuro”. (PINTAUDI 2006:15)

Mas com a perda de protagonismo dos mercados nas últimas décadas, João Manuel Baptista Barreta escreve um artigo sobre “ Mercados Municipais em Portugal – cenário para 2030” em que traça panoramas para o que poderão ser os mercados municipais no futuro e qual o seu papel na sociedade. Com uma constante perda de atractividade por diversos aspectos, como as dificuldades nas acessibilidades ou o estado de degradação dos edifícios, a “revitalização dos mercados deverá contemplar vários eixos de intervenção (...) como na

atração de investimento de modo a que os mercados se constituam como pólos de verdadeiro interesse para novos empresários e (...) novas actividades". (BARRETA 2011:23)

Em conclusão ao seu trabalho, João Barreta, diz que os mercados devem assumir um papel que ultrapasse a tradição, apostando-se na sua afirmação como alicerce do próprio espaço urbano em que se inserem, contribuindo para um crescente na qualidade de vida da cidade ou do bairro: " (...) os mercados com fortes raízes no Passado, são comércio do Presente, com clara vocação de Futuro (...) ". (BARRETA 2011:25)

Com base nestes estudos associados à dupla vertente, histórica e sociológica, pretende-se desenvolver uma proposta de um novo mercado para o Bairro Alto com vista a melhorar a composição urbana e oferecendo-lhe serviços e equipamentos que autonomizem o bairro, mantendo a sua identidade enquanto bairro histórico, característico e definidor de Lisboa, tendo sempre por base a evolução necessária para este tipo de equipamentos e as características essenciais de um mercado no Bairro Alto, tendo este que ser flexível ao tempo, aos usos e às necessidades, tornando-se num polo dinamizador deste fragmento de cidade - e adaptado, como se atrás, à dicotomia noite/dia ligada às vivências sociais do bairro.

PARTE I – O MERCADO COMO ARQUITECTURA REVISITADA

I. BREVE PASSAGEM HISTÓRICA

Os mercados têm muita importância no desenvolvimento social e económico da zona em que se inserem, seja qual for a sua tipologia – rua, praça, edifício – pois sempre foram o ponto de encontro entre a vida social e comercial de uma cidade ou bairro. O aparecimento dos mercados partiu da necessidade de assegurar o acesso aos bens essenciais, “mas a sua importância ultrapassa a de um espaço meramente utilitário e funcional, assumindo-se como um espaço colectivo significativo na evolução dos espaços urbanos” (OLIVEIRA 2008:6). Os mercados influenciam o sítio em que se inserem modificando o seu espaço urbano, a sua organização e os seus fluxos, tornam-se centros urbanos, bem como pontos de encontro.

O fundamento de um espaço comercial associado à ideia de mercado pode distinguir-se em dois conceitos-base: o primeiro designado de mercado informal (normalmente feira), em que se tira partido dos percursos e espaços urbanos de passagem quase obrigatória para fixar aí o comércio. No segundo conceito a comercialização dos produtos é feita num espaço com limite físico, seja este parcial ou totalmente coberto.

O termo mercado surge hoje associado ao segundo conceito e é este que interessa ao relatório: um espaço limitado, funcionando todo o núcleo comercial no seu interior.

O mercado como o vemos hoje é resultado de uma evolução histórica e arquitectónica fruto de uma tradição e costumes que a todos influenciaram, sendo como espaço comercial delimitado, em que as primeiras experiências surgem na Roma Antiga, por exemplo com o Mercado de Trajano (Fig. 1), ou como espaço comercial ao ar livre em que o mais

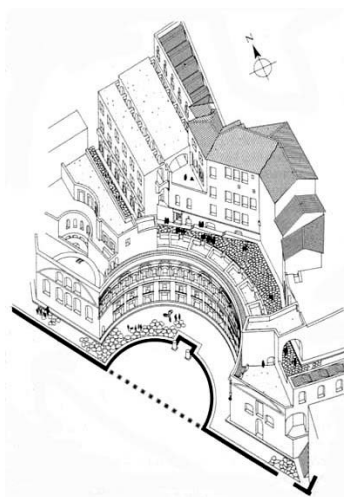


Fig. 1 - Axonometria do Mercado de Trajano



Fig. 2 – Souk

significativo é o souk ¹(Fig. 2), um mercado que se assume como forma de apropriação da rua, e que ainda nos dias de hoje persiste como espaço comercial tradicional árabe.

Mas é a partir do século XIII que em países como a França e Holanda surgem edifícios denominados de Halles², atingindo o seu apogeu no século XIX com a Arquitectura do Ferro. Este último período teve uma enorme importância no desenvolvimento de espaços comerciais. Embora este material não fosse “visto pelos arquitectos como um material nobre” (Oliveira 2008:14) a sua utilização era justificada pelas suas características técnicas vantajosas na construção, que tinha particular importância em edifícios utilitários e funcionais que precisavam de espaços amplos e iluminados. Exemplo deste tipo de arquitectura é o projecto de renovação do Mercado Central (Halles Centrales) de Paris (Fig.3), obra de Vitor Baltard no período compreendido entre 1853-58.



Fig. 3 - Interior dos Halles Centrales



Fig. 4 – Mercado Ferreira Borges

Em Portugal podemos encontrar a aplicação do ferro em mercados como o Mercado Ferreira Borges (Fig. 4) no Porto (1885-88), projecto do Engenheiro João Carlos Machado, embora, aqui, o ferro fosse combinado com alvenaria, servindo esta para sustentar o espaço central com cobertura de ferro e vidro.

A partir da segunda década do século XX o ferro começa a perder importância, como material estrutural primário, dando lugar ao betão armado que será usado, numa primeira fase, de forma combinada com o ferro.

O novo sistema construtivo - cuja combinação do aço com o betão resulta numa adequada resistência à tracção e à compressão - permitia uma “modelação” do espaço projectado correspondendo às necessidades programáticas do lugar, dando “lugar à experimentação das técnicas construtivas e à exploração de uma nova espacialidade intrínseca à tecnologia do betão armado” (OLIVEIRA 2008:71).

A descoberta constante de novos materiais e o aperfeiçoamento do uso do betão armado contribuiu, aliás, para a contínua melhoria dos espaços públicos, inclusive dos mercados, oferecendo melhores condições para os espaços comerciais e contribuindo para o desenho de espaços de lazer dentro do próprio edifício, o que lhe conferiu um carácter de permanência- e não apenas de passagem - para todos os que usufruíam do espaço.

¹ Mercado de rua de tradição árabe

² Palavra francesa cujo significado é o de mercado coberto



Fig. 5 – Mercado de Vila da Feira



Fig. 6 – Pátio do Mercado de Vila da Feira



Fig. 7 – Mercado de Braga (muro de pedra que marca todo o percurso)



Fig. 8 – Interior Mercado de Braga

Exemplo disso é o Mercado de Vila da Feira (1953-59) em que a excepcionalidade do edifício projectado (Fig.5) por Fernando Távora reside na sua concepção espacial. Todos os corpos do edifício se organizavam em torno de um pátio (Fig.6) devolvendo “ao edifício de mercado o seu carácter social de espaço de encontro e reunião” (OLIVEIRA 2008:71) contrariando a ideia de um espaço meramente comercial utilitário e funcional, desenvolvendo assim “um processo inverso ao do surgimento dos mercados nas praças públicas, no qual o espaço de encontro é criado para dar sentido ao mercado” (OLIVEIRA 2008:71).

Já nos finais do século XX, as décadas de 80 e 90 seriam uma nova etapa marcada por uma nova geração de arquitectos “caracterizada por uma maior multiplicidade de linguagens e conceitos” (OLIVEIRA 2008:93). Desta geração faz parte Eduardo Souto Moura que em 1980 projecta o Mercado de Braga (Fig.7) em que a composição volumétrica, cheia de tensões exercidas pelos enormes planos verticais e horizontais, se torna diferente de tudo o que se tinha feito e visto até ao momento. A construção deste mercado faz parte de um plano de expansão da cidade de Braga para sul “numa clara tentativa de estabelecer a ligação entre os dois eixos de expansão paralelos” (OLIVEIRA 2008:93) através da criação de uma ‘rua coberta’, um percurso estruturante que pudesse propor uma malha que definisse o espaço urbano. O percurso, mesmo após o encerramento do mercado, assume a função de sistema de circulação do bairro em que se insere, o que revela a sua fusão com o tecido urbano.

Mas, embora seja possível de observar no Mercado de Braga a sua estreita relação com o meio urbano envolvente, esta é divergente da função social implícita no Mercado de Vila da Feira, de Távora, em que o espaço não é apenas de passagem mas sim de permanência. Enquanto no projecto de Távora o mercado era originador de espaço público, de encontro e permanência, o mercado de Souto Moura revela-se como rua relacionando diferentes partes da cidade, e não como espaço público de encontro de carácter social.

Até meados dos anos 90 a importância dos mercados no abastecimento das cidades ainda é notória, no entanto a partir do início do século XXI foi-se, em geral, assistindo à crescente desvalorização destes espaços associada ao aparecimento rápido e contínuo das grandes superfícies comerciais que oferecem mais variedade de produtos e correspondem às necessidades da sociedade de consumo em que vivemos.

2. O MERCADO EM PORTUGAL: Os Mercados Hoje

Ao longo dos anos, os mercados foram assumindo valores importantes “na vida das cidades, funcionando como reflexo de uma cultura, podendo-se observar as ‘gentes’ e a tradição de uma determinada cidade ou país” (VIANA 2008:279)

A tipologia do mercado sempre foi muito importante no urbanismo português, funcionando muitas vezes como polo central modelador do tecido urbano, influenciando fluxos urbanos e comportamentos sociais. Originalmente, este desenvolvia-se ao longo de ruas e praças. Posteriormente, e por motivos higiénicos e funcionais começaram a desenvolver-se em espaços delimitados e cerrados. A realidade é que o mercado tal como o vemos hoje é resultado de uma evolução histórica e arquitectónica, fruto da alteração das necessidades das populações bem como das vivências sociais e urbanas.

Embora a presença de um mercado como local de abastecimento nunca tenha sido questionada, quando esse costume sofre uma ruptura, e a presença de outras formas de abastecimento, mais modernas, ganham lugar, tem que surgir a possibilidade da renovação da ideia e espaço do mercado, havendo lugar para um mercado “tradicional” evoluído que preserve a sua identidade e a do lugar.

A problemática dos espaços de mercado hoje “surge na sequência da sua desvalorização na cidade e sociedade actuais” (LEAL 2011:26), reflectindo as alterações dos estilos de vida de uma sociedade contemporânea, em que as novas tipologias comerciais respondem de forma mais satisfatória às necessidades de agora através da oferta de uma maior variedade de produtos e de boa acessibilidade garantindo o conforto que a população procura.

Mas, analisando estes casos, embora os mercados estejam a perder a sua importância no meio em que se inserem, existem mercados projectados para “hoje” a pensar no “amanhã”; e mesmo que, em geral, se encare a crescente desvalorização destes espaços comerciais é importante focarmo-nos igualmente nos casos em que funcionam enquanto mercado, até, para analisar e compreender o que é necessário para revitalização num contexto contemporâneo.

O Mercado da Avenida de Lagos (2002-04), projecto do arquitecto Mário Martins nasceu da



Fig. 9 – Mercado de Lagos (exterior)



Fig. 10 – Piso da fruta e legumes



Fig. 11 – Ligação entre o mercado e o Centro de Ciência Viva



Fig. 12 – Mercado do Pinal Novo (exterior)

reabilitação do antigo mercado de frutas e legumes que ardeu no incêndio em 1915, originando um mercado com uma identidade (Fig.9), preservando o “tradicional” e revitalizando toda a zona ribeirinha onde se insere. Um mercado organizado de forma simples, funcional e com um espaço bastante limitado, mas que é valorizado pela explosão de cor dos painéis de azulejos aplicados na parede sul que funciona como um atractivo para quem passa na rua. De grande destaque neste projecto, é que, tal como o Mercado de Braga de Souto Moura, o Mercado de Lagos funciona como ligação de duas zonas distintas da cidade, a zona ribeirinha e a zona alta do centro histórico. Esse percurso é o meio condutor entre o Mercado, o Restaurante e o Centro de Ciência Viva da cidade, destacando assim as suas características como percurso quotidiano, (Fig.11) desviando-se, assim, dos ideais encontrados no Mercado de Vila da Feira de Távora em que o mercado é encarado como espaço público de encontro.

Mesmo não havendo um espaço de encontro claramente delimitado no seu interior, o Mercado de Lagos funciona como polo dinamizador do núcleo urbano, sendo mais um ponto de passagem do que de permanência mas que acaba por resultar como mercado devido à sua proximidade com o centro histórico.

Um outro mercado que corresponde às necessidades da população, mas de um modo diferente do projecto apresentado anteriormente, é o Mercado do Pinal Novo (2009), projecto do *atelier* Silva Dias Arquitectos (Fig. 12), e que se destaca do anterior por ser um edifício híbrido³ isolado dos restantes da cidade. Localiza-se próximo à estação de comboios servindo como porta de entrada a quem chega.

Este projecto organiza-se ao longo de uma praça (Fig.13), funcionando esta como ponto de permanência, ao contrário do Mercado de Lagos. O contínuo funcionamento de todo o espaço é fruto da aglomeração de diversos serviços no seu interior, constituídos pelo Mercado Municipal, o Centro Municipal para a Juventude, o Gabinete de Informação ao Consumidor o Gabinete de Apoio ao Empresário, a Estação dos Correios e a Loja do Cidadão, que garantem o constante movimento de pessoas no interior do edifício.

³ “Edifício de grande complexidade programática, podendo incorporar distintas categorias e usos urbanos e que possui uma grande capacidade de adaptação e interacção com o meio urbano em que se localiza, contendo características próprias e distintas de outros edifícios deste tipo em contextos urbanos distintos.” (NEVES 2012:XI)

Certos mercados de hoje, sejam eles foco de atenção devido ao recorrente restauro a que são alvo, como o Mercado de Loulé (Fig.14) – que funciona como atracção turística– seja a projecção de um espaço tendo em vista as necessidades de hoje de uma população citadina, como o Mercado do Pinhal Novo, conseguem destacar-se e manter o “título” de espaços dinamizadores do núcleo urbano em que se inserem, o que só acontece porque não foram projectados e pensados de forma estandardizada mas sim de acordo com as necessidades locais, tanto do espaço urbano como das pessoas que o habitam.

3. O MERCADO EM PORTUGAL: Os Mercados do Futuro

Para a projecção de um mercado, o conhecimento acerca destes não pode cristalizar-se apenas no modelo actual “(...) mas deve também projectar um futuro” (PINTAUDI 2006:15). É a partir desta ideia que se lança o subtema “Os Mercados do Futuro”, em que se pensa não num mercado futurista, mas sim num mercado em que se tenha em consideração as necessidades actuais, projectando-o de modo a perdurar no tempo.

É útil reflectir sobre a importância do papel do mercado nas cidades de hoje e de que modo é que podemos revitalizar estes espaços para que pertençam a um futuro, preservando assim a sua identidade e cultura.

No artigo “Mercados Municipais em Portugal – cenários para 2030” João Barreta traça panoramas para o que poderá ser o mercado municipal no futuro e qual o seu papel na sociedade. Com a constante perda de atractividade destes espaços, seja pelas dificuldades de acessibilidade ou pelo estado de degradação dos edifícios, a “revitalização dos mercados deverá contemplar vários eixos de intervenção (...) como na atracção de investimento de modo a que os mercados se constituam como polos de verdadeiro interesse para novos empresários e (...) novas actividades”. (BARRETA 2011:23;24)

Os mercados devem assumir um papel que ultrapasse apenas a ideia da tradição, apostando na afirmação destes espaços como alicerces do próprio espaço urbano em que se inserem, contribuindo para uma crescente qualidade de vida da cidade ou do bairro” (...) os mercados com fortes raízes no Passado, são comércio do Presente com,

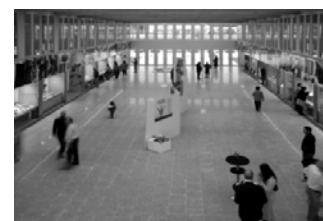


Fig. 13 – Praça na qual se organiza o mercado



Fig. 14 – Mercado de Loulé (exterior)



Fig. 15 - Mercado Temporário de Barceló

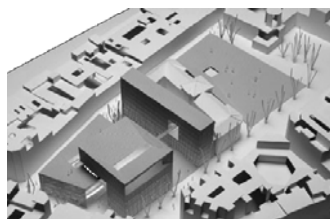


Fig. 16 - Novo Mercado de Barceló



Fig. 17 - Mercado Temporário de Barceló



Fig. 18 - Mercado do Bom Sucesso (interior)



Fig. 19 - Mercado do Bom Sucesso (interior)

clara vocação de Futuro (...)" (BARRETA 2011:25)

Embora não sejam casos portugueses, mercados como o Mercado Temporário de Barceló (2009) em Madrid (Fig.15) de Nieto Sobejano Arquitectos, construído temporariamente sobre a Praça do Arquitecto Ribera, foi executado como modo de satisfazer as necessidades até à conclusão do complexo de edifícios (Fig.16), o qual agregará o mercado definitivo. Todo o edifício é construído com material reciclável reforçando a ideia de construção efémera. Este mercado com o seu desenho arrojado funciona como núcleo dinamizador da malha urbana relacionando-se com as ruas e espaços envolventes, bem como a criação de um percurso interno que promove a deambulação com carácter de permanência, que une e interliga os diferentes volumes, dando outra percepção à ideia de mercado.

Este é um bom exemplo de um mercado dinâmico, construído "hoje" mas pensado para o amanhã, mesmo que temporário, pois apesar do passar dos anos funciona no contexto urbano em que se insere, porque se "a função comercial [e] de abastecimento já não é suficiente para dinamizar estes equipamentos (...), é necessário reinterpretar a sua função nos contextos urbanos actuais e do futuro". (LEAL 2011:26)

Essa reinterpretação da sua função enquanto mercado no contexto social e urbano fez-se aquando a reabilitação do Mercado do Bom Sucesso no Porto, projecto do *atelier* FA arquitectos, onde foi proposta a construção de dois grandes volumes no seu interior, um destinado a um hotel de quatro estrelas (Fig. 18) e outro destinado a escritórios (Fig. 19), estes envoltos por uma área comercial que não deixa de ir ao encontro da imagem tradicional adjacente ao próprio local.

É um edifício que se caracteriza por ser um marco na própria malha urbana da cidade, que delimita e formula todo o espaço circundante, tornando-se num núcleo urbano.

Projecto inicial de Fortunado Leal, Cunha Leão e Morais Soares e hoje classificado como imóvel de interesse patrimonial e de interesse público, foi "hoje" recuperado com o objectivo de manter a sua própria identidade como espaço emblemático da cidade mas dando-lhe uma utilidade adequada ao século XXI, reinterpretando assim a sua função enquanto mercado nos contextos urbanos e sociais de "hoje" e de "amanhã".

E é com esse objectivo que se prende este projecto final de mestrado, o de reinterpretar a

ideia e conceito de mercado para este funcionar como espaço urbano dinamizador do núcleo em que se insere, neste caso no Bairro Alto, transformando assim “o antigo ritual de ida ao mercado num acto contemporâneo de socialização (...)” (LEAL 2011:26)

PARTE II – ANÁLISE E CONTEXTUALIZAÇÃO DO BAIRRO ALTO

" (...) mais importante que estes monumentos pontuais [Madre Deus e Jerónimos], para a vida da cidade e para o seu processo urbanístico, foi a lenta criação de um bairro novo, definido a par das muralhas ocidentais e ao longo delas, desde o rio até ao ângulo noroeste, e acima deste, para a Cotovia. Trata-se da Vila Nova de Andrade, ou Bairro Alto de S. Roque."

FRANÇA 2005:19

1. CONTEXTO HISTÓRICO

As profundas transformações económicas e sociais do século XV, marcadas pelo aumento demográfico e o crescimento do próprio comércio pelos quais o período dos Descobrimentos foi responsável, exigiram da cidade de Lisboa grandes modificações das formas de vida e das exigências urbanas.

Atraídos por esse comércio, chegavam a Lisboa gentes de todo o lado, tanto portugueses de outras cidades como estrangeiros, originando um surto demográfico que já não era contido pela muralha Fernandina, "numa cidade eminentemente medieval no seu emalhado de ruas estreitas, becos sem saída, dificuldades de saneamento, de circulação e mesmo de controlo policial" (CLEMENTE e RIBEIRO 2000:91). Esta nova realidade vem impor o melhoramento do espaço urbano, de acordo com as necessidades da época, através de um alargamento do espaço citadino, aplicando-se assim as "novas ideias urbanas e a modernidade, ainda hoje patente nesta parte da cidade" (CLEMENTE e RIBEIRO 2000:91).



Fig. 20 – Rua do Bairro Alto

A muralha Fernandina perde a importância medieval e as classes populares deslocam-se para o seu exterior, construindo-se primeiro em paralelo à margem e, posteriormente, assistindo-se rapidamente à subida pela encosta. A leste, o crescimento fazia-se sentir de forma desordenada, à semelhança do que existia paredes meias com a muralha, o contrário acontecia a poente, "onde a construção é alvo de uma cuidada legislação renascentista" (CLEMENTE e RIBEIRO 2000:91).

E assim se vai assistir, no lado ocidental da cidade, "ao loteamento dos terrenos fora de muralhas e à construção segundo legislação específica para tal, contida num conjunto de regras régias prenunciando as novas formas de urbanidade de níveis estruturais e estéticos, fazendo, então, surgir uma nova cidade" (CLEMENTE e RIBEIRO 2000:91).

Toda esta área desde o rio até ao cimo da colina (Fig.21) pertencia a Guedelha Palaçano, um astrólogo judeu, cuja viúva, perante as grandes convulsões que se avizinhavam entre católicos e judeus, acaba por vender os terrenos a dois fidalgos. Os herdeiros destes dois fidalgos entenderam-se e um deles, Bartolomeu de Andrade decidiu em 1513 executar uma grande " (...) operação de loteamento logo posta em prática, a partir do rio" (FRANÇA 2005:18). Inicialmente tratou-se de uma zona habitacional, mais próxima do rio, destinada a artesãos e marinheiros, gente ligada à expansão marítima, que se multiplicava e carecia de espaço numa cidade já sobrelotada, sobretudo após o terramoto de 1531 que a terá prejudicado de forma muito significativa. Essa primeira edificação foi rápida e ocupou uma primeira zona até meia encosta (Fig.22) marcada pela via que saía das Portas de Santa Catarina, descendo pelo Combro. Acima dessa zona, esta já com um declive mais suave, pela altura da Igreja de S. Roque, onde os Andrades tinham casa, processou-se outra urbanização (fig.23), esta ao longo dos séculos XVI e XVII, já envolvendo palácios e casas nobres.

Em 1527 o bairro já " (...) contava com 408 fogos (cerca de 1600 habitantes), e em 1554 ou 55, o Sumário de Cristóvão Rodrigues já mencionava cinco ruas traçadas no sentido norte-sul e duas no sentido nascente-poente (...) a malha virá a adensar-se, mas respeitando o traçado (...) " (FRANÇA 2005:18).

O Bairro Alto marca a passagem do século XVI para o século XVII na vida urbana de Lisboa, bem como uma aprendizagem e consciência urbanística e arquitectónica que se foi processando ao longo de seiscentos. Mas com o passar do tempo o abandono e a deterioração dos palácios e casas nobres faz-se sentir, sendo que com isso, e acompanhando as alterações sócio- económicas e as mudanças de mentalidade, se alteram novamente os habitantes deste núcleo histórico. E, assim, o século XIX traz consigo outra tipologia caracterizada pela convivência de estilos e pela densificação da malha urbana. Com o crescimento da cidade, o Bairro ganha uma nova centralidade, com o aparecimento do



Fig. 21 - Terreno de Guedelha Palaçano



Fig. 22 - Primeira edificação e início da 2ª



Fig. 23 - Segunda edificação

Teatro da Ópera (S. Carlos), traz a necessidade de instalação de músicos, artistas e poetas. Nasce assim o clima artístico e boémio do Bairro Alto.

Foi também no século XIX que as redacções dos jornais e tipografias começaram a ocupar palácios abandonados. Começa aí, também, o aparecimento de numerosas casas de pasto, tascas e casas de fado. Isto faz com que o bairro adquira um clima particular e vivências tanto de dia como de noite.

O Bairro Alto no século XX deixa de ser um lugar duvidoso para se tornar um local de interesse turístico. Foi no princípio desse século que com a criação e melhoria dos acessos ao interior do bairro, a definição de ruas principais e a construção de elevadores se modificou progressivamente transformando e ultrapassando a economia de subsistência deste núcleo histórico, “implantando pequeno comércio e indústria artesanal no interior do bairro e grande comércio nas ruas da periferia” (CLEMENTE e RIBEIRO 2000:94). No entanto, e apesar das transformações, principalmente sociais, toda a estrutura urbanística e histórica deste núcleo antigo se manteve quase intacta.

2. ANÁLISE URBANA

O Bairro Alto é um conjunto urbano de extrema importância no contexto de Lisboa, e mesmo no contexto nacional, visto que ainda hoje mantém a sua estrutura urbanística inicial, apesar das transformações urbanas e sociais sentidas ao longo da história. Mas, e tendo isso em consideração, é necessário analisar e reflectir sobre o que é o “bairro hoje”, percebendo o modo como este é experimentado, bem como as suas necessidades e as da população que lá habita, conseguindo assim propor um projecto de intervenção que permita exponenciar as experiências e as vivências neste núcleo histórico.

LIMITES GEOGRÁFICOS



O Bairro Alto ocupa uma área delimitada a sul pelo eixo formado pela Calçada do Combro e a Rua do Loreto, a oeste pela Rua do Século, a norte pela Rua D. Pedro V e a este pelas ruas da Misericórdia e de São Pedro de Alcântara. A enquadrar este conjunto são de destacar a norte o Miradouro de São Pedro de Alcântara e o Elevador da Glória, a sul o Largo de Camões dando este continuidade para a Rua do Alecrim, e a este toda a zona do Chiado, que identificam o bairro no contexto da cidade de Lisboa.

A malha de traçado regulado apresenta o quarteirão como unidade fundamental da estrutura urbana, organizando-se com base num esquema hierarquizado de ruas e travessas, sendo que as ruas são os eixos estruturantes e encontram-se perpendiculares ao rio e as travessas são os eixos secundários, que facultam a ligação entre as ruas, e encontram-se paralelas ao rio. A hierarquia das vias apresenta uma escala homogênea, não havendo grandes variações de dimensões das ruas para as travessas, característica que não se alastrou para as zonas adjacentes ao Bairro Alto, “ (...) já que as vias definidoras dos seus limites possuem uma maior largura, como que encerrando-o e preservando o carácter de intimidade que o caracteriza” (MORGADO 2003:1)

A matriz de loteamento reflecte o “ (...) uso da unidade de cadastro medieval designada de chão⁴” (MORGADO 2003:1), compondo a malha por quarteirões de forma rectangular com proporções de dois lotes de largura para seis a oito de comprimento.

Embora menos frequente, nalguns casos aparecem lotes correspondendo a meio “chão”, destinados à população com menos recursos. Noutros casos também se verifica a aglutinação de mais do que um lote ou mesmo a ocupação de todo um quarteirão, como o exemplo do Palácio Lumiares e o Palácio Ludovice.

O espaço construído é dominado pela habitação, implantada em lote estreito e alongado com três ou quatro pisos, sendo, que na composição das fachadas, a janela de sacada é um dos elementos mais característicos, marcando com a sua presença quase todos os edifícios. A pequena pedra em consola – encastrada – garante uma reduzida varanda com uma guarda, esta normalmente em ferro forjado. As coberturas sofreram alterações ao longo dos anos, com a introdução, posterior, de águas-furtadas.

MALHA URBANA

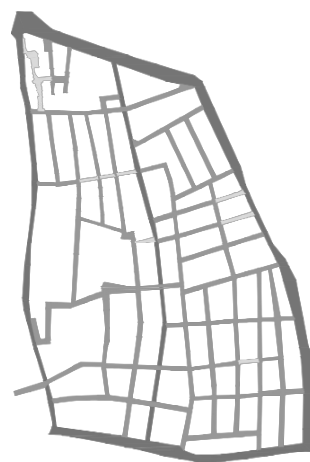


Fig. 24 – Malha do Bairro Alto

IMAGEM DO BAIRRO ALTO



Fig. 25 – Fachadas do Bairro Alto

⁴“Chão” – medida agrária medieval que representa um lote com 13,2 metros de comprimento (60 palmos) e 6,6 metros de largura (30 palmos)

Embora o terramoto de 1755 não tenha causado muitos estragos no Bairro Alto, podem identificar-se alguns edifícios do período pombalino, contribuindo essencialmente para modificações ao nível da composição das fachadas.

A variação de cores (Fig. 26) e materialidades torna o Bairro Alto num bairro de carácter extraordinário destacando-se de todos os outros. Cada edifício marca a sua individualidade. No seu conjunto os edifícios caracterizam o próprio bairro, não deixando esta de existir mesmo que com o mau estado de conservação em que se encontra todo este núcleo, já não se conseguir observar o impacto que tal variação cromática provoca na cidade.

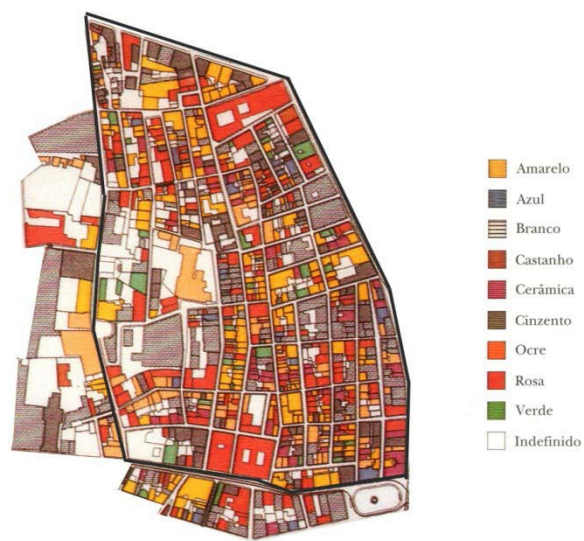


Fig. 26 – Estudo de Cor das fachadas dos edifícios do Bairro Alto

Ainda que permitidos “diversos graus de variação tipológica no desenho das fachadas, a repetição de certos elementos como o Cunhal, a janela de sacada, a janela de peitoril, o beirado, as águas-furtadas” (MORGADO 2003:1), bem como, as cores e os revestimentos (como os azulejos), asseguram uma imagem de homogeneidade única e original das fachadas, até aos dias de hoje.

ESPAÇOS PÚBLICOS

Os espaços públicos têm uma importância “ (...) como bem colectivo e elemento aglutinador do sentido de comunidade” (TOUSSAINT 2009:9). Assim, o espaço público, nas suas mais diversas formas – praças, largos, ruas, avenidas, jardins, parques, etc. – é capaz de ter “ (...) múltiplas utilizações, pode ter um papel central nas aglomerações em termos de socialização ou circulação (...)” (TOUSSAINT 2009:9).

Neste relatório são destacados dois tipos de espaço público: o espaço público de permanência e o espaço público de transição. O primeiro caracteriza-se pela sua relação com a própria comunidade, sendo ponto de encontro e de referência: torna-se local de lazer, de descanso, de observação, ou seja, de permanência. Servem como exemplos a Praça do Rossio ou o Jardim de Belém.

O segundo, ao tratar-se de um espaço de passagem e não de permanência, caracteriza-se pela falta de pontos de descanso e de contemplação. O espaço público do Bairro Alto pode ser caracterizado por este segundo tipo: espaço público de transição. A malha urbana, que tanto caracteriza o bairro, torna-se ela própria o espaço de convívio e encontro. A uniformidade da malha, métrica e regulada, origina ruas dimensionalmente iguais sem características urbanas que as distingam umas das outras, nunca criando momentos de permanência prolongada. A ausência de largos, praças ou jardins torna o bairro num local de passagem onde a socialização é feita através do cruzamento de pessoas à sua passagem e o encontro entre a comunidade local é feita através da relação de proximidade que as janelas têm para a rua.

Mas, e na realidade, a actual restrição do tráfego automóvel no interior do Bairro Alto faz com que o seu espaço público – as ruas e travessas – seja vivenciado de forma mais contínua, originando assim um atravessamento pedonal. Até mesmo o uso dos transportes públicos se encontra reservado à periferia do bairro.

Em relação a espaços públicos de permanência podem-se destacar os espaços – verdes ou não – que circundam o perímetro do bairro, como é o caso do Miradouro de São Pedro de Alcântara (Fig. 28), do Jardim do Príncipe Real (Fig. 29), ou do Largo do Camões, que funcionam de forma antagónica ao espaço público originado pela apertada malha que caracteriza o Bairro Alto, em que a apropriação das ruas se torna uma forma de socialização.

É de salientar as diferenças que existem entre o bairro durante o dia e durante a noite, que permitem um modo diferente de se viver o espaço. De dia é um espaço isolado, encerrado sobre si mesmo, onde se vive apenas o resultado da noite anterior. Já de noite, com a abertura dos restaurantes, casas de fado, tascas e bares, ganha uma vida própria. As



Fig. 27 – Rua da Rosa (Bairro Alto)



Fig. 28 – Miradouro de S. Pedro de Alcântara



Fig. 29 – Jardim do Príncipe Real

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

ruas, que durante o dia pareciam desertas, tornam-se num espaço público sobre povoado – chegando a ser até claustrofóbico – vivido e experienciado. Deixam de ser locais de passagem para se tornarem num enorme local de permanência, onde o aglomerado de pessoas fomenta a relação e conexão entre as ruas e travessas.

A permanência da arquitectura não é apenas fruto da sua materialidade. “A possibilidade de permanência reflecte principalmente o olhar consciente de sucessivas gerações, sobre o papel do tempo numa comunidade, sobre a relevância da memória e singularidade de determinados espaços públicos, edifícios e cidades.” (ADRIÃO e CARVALHO 2007:2)

O Bairro Alto distingue-se sendo ele mesmo património de uma cidade – Lisboa. Além da importância cultural que tem a conservação de grandes monumentos, “(...) Ruskin teorizou a inclusão no património edificado a preservar, dos conjuntos urbanos históricos, da arquitectura anónima que, ao longo de inúmeras gerações, construiu a cidade” (AGUIAR 2005:81), ampliando-se assim o conteúdo tipológico do conceito de património, sendo necessário preservá-lo.

No núcleo histórico, que é o Bairro Alto, são muitos os edifícios devolutos ou em más condições de conservação. Embora a Câmara Municipal de Lisboa, através do Gabinete Técnico Local (GTL) – criado em 1988 – se tivesse proposto a recuperar vários edifícios, esses instrumentos postos à disposição da reabilitação do bairro acabaram por ser insuficientes, pois é observável que o estado de conservação do Bairro Alto se mantém deplorável deixando que marcas importantes da nossa história se mantenham em ruína.

O contínuo abandono sentido no Bairro Alto conduz a um “(...) gradual esbatimento das linguagens e da riqueza das formas na própria arquitectura” (AGUIAR 2005:118), permitindo uma degradação da própria identidade urbana do lugar.

Como é constatado no livro “Cor e Cidade Histórica” de José Aguiar, “um dos objectivos fulcrais da conservação do património urbano [é] salvaguardar a ‘identidade’ e o ‘ambiente’ da cidade histórica”, havendo portanto uma necessidade de garantir o investimento na conservação deste mesmo núcleo urbano. Assim, para se definir o meio mais adequado de conservação tem que se ser conhecedor da identidade do lugar. Só assim se garante a preservação dos seus valores culturais, considerados como os mais fortes em termos emocionais por incorporarem as relações com as tradições e as memórias que quem lá viveu, vive ou viverá.



Fig. 30 – Edifício na Rua de S. Pedro de Alcântara



Fig. 31 – Pátio do Tijolo

Em análise ao estado de conservação do Bairro Alto, trabalho realizado em grupo no primeiro semestre, encontrou-se – como já foi dito anteriormente – um grande aglomerado de edifícios ou conjuntos edificados em absoluto abandono, desfigurados da realidade que outrora foram.

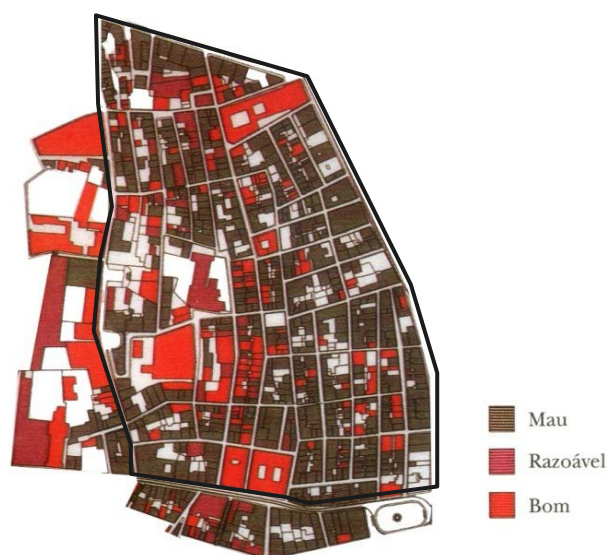


Fig. 32 - Estudo do Estado de Conservação dos edifícios do Bairro Alto

Embora existam muitos casos de abandono, os mais significativos - e tendo em consideração que o abandono não é apenas relacionado com a aparência do edifício mas sim pelo facto de não se verificar qualquer habitabilidade - destacam-se os lugares identificados (Fig. 33), sendo que o local seleccionado como zona de intervenção foi o quarteirão designado por Palácio dos Lumiares (assinalado na Fig.33) considerando – e olhando para análise urbana já realizada anteriormente – a área disponível para intervenção, a sua localização e o seu avançado estado de degradação.



Fig. 33 – Edifícios em Estado de Abandono

PARTE III – PALÁCIO LUMIARES COMO LUGAR DE INTERVENÇÃO

“ Expressão de um longo período de mais de dois séculos em que Portugal, num esforço sobre-humano, espalhou fortalezas pelo seu vastíssimo império e onde a formação de arquitectos passava sobretudo por uma prática de arquitectura militar, o Palácio Lumiares surge como um dos mais significativos exemplos chegados até nós desta estética.”

FRANÇA 1994:74

1. LOCALIZAÇÃO

Situado no lado oeste da Rua de São Pedro de Alcântara o palácio integra a malha do Bairro Alto, marcando o limite exterior do próprio. Está incluído no conjunto de palácios que caracterizam a rua de São Pedro de Alcântara. Ocupa a totalidade de um quarteirão, este limitado a este pela Rua de São Pedro de Alcântara, a sul pela Travessa Água-da-flor, a norte pela Travessa da Boa-Hora e a oeste pela Rua do Diário de Notícias. Na proximidade destacam-se espaços como o Miradouro de São Pedro de Alcântara, o Palácio Ludovice, o Elevador da Glória ou a Igreja de S. Roque.



Fig. 34 – Sinalização do Palácio Lumiares na Rua de São Pedro de Alcântara

2. CONTEXTO HISTÓRICO

O palácio, primeiramente, chamado Solar dos Andrades já integrava “ (...) o centro de vida urbana de ambiência aristocrata” (MORGADO 2002:2) que ia desde o adro de S. Roque ao sítio das Portas de Santa Catarina. Esse solar, segundo Júlio Castilho⁵, remota ao século XV, mas nos séculos XVII e XVIII, aquando da expansão dos palácios da aristocracia, para a zona norte do Bairro Alto já não eram perceptíveis vestígios do mesmo.

Já nos inícios do século XVIII o palácio “ (...) constituía-se, em termos formais, como um derradeiro exemplo de ‘arquitectura chã’⁶ (...)” (FRANÇA 1994:74), onde a severidade do desenho das fachadas, os fortes cunhais e o andar nobre o mais afastado possível do nível da rua, evitando assim o contacto com o exterior a não ser pelo usufruto das vistas, “(...) [incutindo] ao edifício uma feição mais de fortaleza que de palácio” (FRANÇA 1994:74), sendo que o Palácio Lumiares – ou Cunha e Menezes- se destacava como um “(...) dos mais significativos exemplos chegados até nós desta estética” (FRANÇA 1994:74).

CARACTERIZAÇÃO FORMAL EXTERIOR

Este edifício de planta longitudinal e de volumetria paralelepípedica organizava-se em quatro pisos e ocupava a totalidade do quarteirão onde se insere. A sua cobertura era composta por cinco telhados de quatro águas e um de duas águas, estes articulados entre si.

Para os Cunha e Menezes, senhores da casa, o palácio era como que um testemunho dos altos cargos que os seus antepassados tinham ocupado.

Mas é Dona Leonor Tomásia de Távora, filha do primeiro marquês de Távora, quem inicia as grandes obras, como tutora do seu filho Inácio da Cunha Menezes. Em 1703 Dona Leonor fez contracto com o mestre-de-obras Manuel da Silva, mestre da Igreja de Santa Engrácia. A ele se deve uma solução estrutural de grande perícia, sendo que para além das paredes exteriores, a própria caixa de escadas funcionava como um elemento estrutural central, este envolvido por altas e grossas paredes de pedra que eram, no entanto, “perfuradas ao nível do primeiro e segundo andar por corredores que [asseguravam] uma circulação interna de criados” (FRANÇA 1994:74).

⁵ “O actual edifício, embora com uma história que remota, segundo Júlio Castilho, ao século XV (...)” In A sétima Colina de José-Augusto França

⁶ A Arquitectura Chã é de estilo maneirista mas com uma estrutura clara e robusta, de superfícies lisas e pouco decorativo, este estilo mais contido e simplista deveu-se sobretudo às limitações económicas do país na época.

CARACTERIZAÇÃO FORMAL INTERIOR



Fig. 35 – Patamar do andar nobre

O acesso principal ao interior era feito através do vão central do piso térreo, este comunicava com a escadaria através do átrio.

Na primeira metade do século XVIII o palácio voltava a receber obras com o objectivo de adaptar o interior ao novo gosto joanino⁷. Nesse período a escadaria foi transformada, desdobrando-se em dois lances após o patamar, tal como é visto em palácios barrocos. Foram introduzidas, no patamar do andar nobre, três novas portas e duas janelas com grandes cantarias de desenho cuidado (Fig.36), dotando assim “ (...) todo o conjunto de um forte efeito monumental e cenográfico” (FRANÇA 1994:75). Este núcleo de escadas correspondia a três pisos de altura e era iluminado por três vãos, a este e a sul.



Fig. 36 – Corte Transversal com o patamar do andar nobre em vista

DESCARACTERIZAÇÃO



Fig. 37 – Fachada principal - devoluto

O palácio não sofreu quaisquer danos com o terramoto, mas o Bairro Alto tinha “passado de moda” como zona residencial da aristocracia. Por outro lado, os Cunha Menezes que tinham sido elevados, por casamento, a Condes de Lumiares estavam mal financeiramente, e assim sendo, o palácio foi em 1754 hipotecado à Santa Casa da Misericórdia. Em 1779 o edifício estava transformado para inquilinato, acabando isso por o descaracterizar. Os salões do andar nobre perderam os seus altíssimos tectos em caixotão para dar lugar a mais um piso, “os grandes portais armoriados da entrada nobre são apeados” (FRANÇA 1994:75) e o pátio das traseiras que ligava às cozinhas foi ocupado com novas construções retirando-lhe, assim, a sua leitura de planta em ‘U’. Hoje o palácio é um espaço devoluto, esquecido no tempo e perdido na memória do que outrora foi.

⁷ Ao longo do reinado de D. João V as várias vertentes de produção artística receberam a designação genérica de Barroco Joanino. Nesta abrangente classificação estão integradas diferentes manifestações da arte barroca setecentista.

3. CONTEXTO ACTUAL

"Analisar a identidade da cidade histórica é fulcral para podermos definir os meios mais adequados para a sua conservação (...)"

AGUIAR 2005:117

O Palácio Lumiares, embora se destaca por deter uma enorme importância na caracterização do Bairro Alto, foi esquecido e ficou em completo abandono, levando à sua contínua degradação, sem qualquer cuidado ou tentativa de preservação.

Em 2007, e após várias derrocadas que acabaram por destruir parte do interior, foi desenvolvido um projecto de "reconstrução" do palácio para um hotel de charme. O palácio seria posteriormente, esventrado mantendo-se apenas as fachadas, sendo que o interior iria ser ocupado pelo novo projecto, propondo assim uma falsa conservação do património, deteriorando a identidade urbana do bairro através da prática do *fachadismo*⁸.

"Trata-se do chamado *fachadismo* cuja definição poderá corresponder, grosso modo, à demolição sistemática do interior de edifícios antigos, substituindo-o por uma nova construção, com profundas mudanças tipológicas, volumétricas, estruturais e construtivas, preservando as antigas fachadas de forma acrítica, ou reconstruindo-as de acordo com imitações forçadas das originais." (AGUIAR 2005:137)



Fig. 38 - Interior do Quarteirão

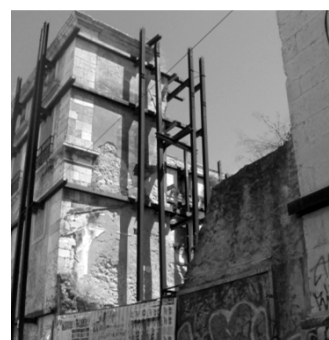


Fig. 39 - Fachada Tardoz/Interior

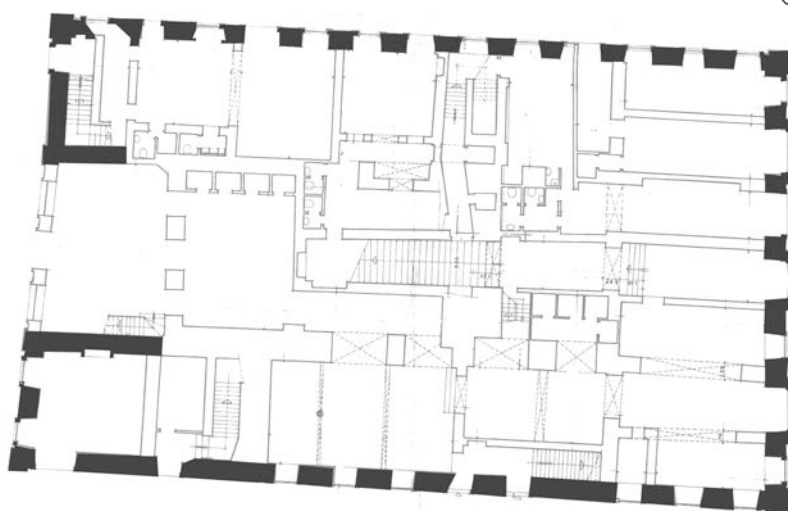


Fig. 40 - Planta antes das demolições e em corte o que existe hoje (piso 0)

⁸ Termo estudado e compreendido através da referência bibliográfica "Cor e Cidade Histórica" de José Aguiar



Fig. 41 - Fachada Principal

FACHADISMO vs IDENTIDADE URBANA



Fig. 42 - Detalhe vão da Fachada Principal



Fig. 43 - Alçado tardoz

Hoje, e por atrasos nas obras – devido a escavações arqueológicas desfavorecidos ainda pelas dificuldades económicas-, o hotel ainda não se encontra construído, sendo que a prática do *fachadismo* fez com que o estado de deterioração avançasse muito mais rapidamente. Mas mesmo com o estado de abandono ainda se conseguem observar as características exteriores do palácio, mesmo que estas estejam mascaradas pela presença das estruturas provisórias que sustentam as fachadas. Ainda se consegue observar no palácio a presença na fachada principal – a este – os quatro vãos de maior imponência onde se faria as diversas entradas, estes iguais entre si. Ao nível do primeiro e terceiro piso as janelas são simples com uma cantaria que as emoldura, sendo que no segundo piso as janelas já são de sacada. Em todo o quarteirão os vãos tem a mesma leitura, principalmente a partir do primeiro piso, sendo que no piso 0 os vãos foram sendo alterados consoante os usos patentes no palácio. A cobertura é inexistente; logo o término do edifício - em altura - é um remate de pedra que antes seria o remate da própria cobertura.

Note-se que se trata, enfim, de um exemplo evidente de que as fachadas “ (...) concorrem para a definição de um novo tipo de espaço (...)”, assim elas “ (...) são como que as ‘paredes interiores’ do espaço urbano” (AGUIAR 2005:137).

As fachadas são delimitadoras do espaço urbano, estabelecendo elas a comunicação com o espaço exterior público por todos vivenciado, mas a prática do *fachadismo* leva a uma interpretação “(...) que entende imagem e identidade urbana históricas apenas como cenários físicos” (AGUIAR 2005:138), acabando por descaracterizar o seu real significado.

O *fachadismo* e as alterações funcionais a que dá origem constituem uma preocupação em relação “ (...) à salvaguarda da identidade e do carácter dos espaços urbanos (...) de valor patrimonial” (AGUIAR 2005:138). Constitui, hoje, uma manifestação do processo substitutivo do nosso património “(...) destruindo valores da arquitectura antiga ao fragmentar as relações entre fachadas e organização dos espaços interiores, desarticulando as ligações entre tipologia do edificado e morfologia urbana” (AGUIAR 2005:140)

Se este tipo de intervenção é justificado pela preservação da identidade do lugar, eis-nos, então perante um contradição em termos: a identidade de um lugar, do património é a sua imagem, a sua fachada? Não levará, isso, a espaços urbanos compostos por espaços vazios, prevalecendo apenas uma imagem incompleta e desprovida de outra função que não a de cenário?

PARTE IV – ESPAÇO BAIRRO ALTO

“(…) É sabido que uma forma só possui significado na medida em que representa ou satisfaz, para além de um homem, toda uma sociedade que dela se utiliza.”

TÁVORA 2008:26

Tendo como base o exercício lançado no semestre IX, com o tema ESPAÇOS NO INTERIOR DA CIDADE- LISBOA DAS SETE COLINAS, considera-se como principal objectivo a compreensão e conhecimento preliminar da cidade de Lisboa através da aproximação desta pelos fragmentos urbanos que a compõem. Assim, e partindo da análise urbana de uma zona da cidade – Bairro Alto – foi feita uma aproximação, trabalhando do geral para o particular, que permitiu definir uma área de estudo onde uma intervenção contribuiria para a regeneração local – Palácio dos Lumiares.

Tendo em consideração o avançado estado de degradação em que se encontra o Bairro Alto, bem como o contraste de vivências, pretende-se desenvolver uma proposta de um novo mercado para o Bairro com vista a melhorar a composição urbana, oferecendo-lhe serviços e um espaço público de encontro que permita relações entre o espaço fora e dentro dos limites do Bairro Alto. Um mercado em que o conceito adjacente a este tipo de espaços é readaptado a uma nova realidade e novas necessidades.

A intervenção consiste na apropriação do interior das ruínas do Palácio Lumiares com vista a criar um espaço público edificado, que seja adaptável e convertível respondendo a novas exigências e a novos usos necessários com o passar do tempo, e que permita, socialmente, uma conexão entre o espaço que é diferentemente vivido de dia e de noite.

1. UMA PRIMEIRA ABORDAGEM

A escolha do local a intervir no Bairro Alto teve sempre em conta a área disponível, a sua localização - com o objectivo de estabelecer ligações entre o espaço externo aos limites do bairro com o espaço do próprio - e o estado de abandono do local que viesse a ser seleccionado, tendo em mente uma proposta de um mercado e tirando partido, da sua importância enquanto espaço público, em bom rigor, inexistente no Bairro Alto.

Embora a escolha do Palácio Lumiares tenha sido estudada, a presença de diversas problemáticas enquanto espaço de intervenção é significativa.

Trata-se, antes de mais, de um local em ruínas, sendo que os únicos elementos que prevalecem são as fachadas. Isto, por si só já acarreta uma dificuldade acrescida. Ter-se-ia que encontrar um modo de sustentar estruturalmente as fachadas, retirando-lhes os travamentos já existentes; depois ter-se-ia que encontrar o “significado” dessas fachadas num novo projecto, levando ao questionamento fundamental de qual seria a importância que estas teriam enquanto elemento arquitectónico - e mesmo escultórico - numa nova intervenção.

A métrica dos vãos muito marcada em cada uma das fachadas limitava as hipóteses de intervenção, principalmente pelo palácio possuir uma envolvente com edifícios bastante próximos, originando assim uns vãos sem vista. A quantidade de aberturas não deixava espaço para contacto entre uma nova intervenção e as ruínas, logo, desde cedo encarou-se o encerramento de certos vãos como uma necessidade.

O pé direito foi um dos principais problemas a exigir uma solução adequada, com cerca de quinze metros de altura - variando alguns centímetros devido a inclinações da rua -, pelo que obrigava a um projecto em que a composição fosse em altura. Composição que teria de ser cuidada para garantir que todos os espaços do novo projecto recebiam luz natural.

As fachadas em ruína eram, em si, a maior condicionante possível no projecto. Delimitavam o território tanto ao nível do piso térreo como em altura, não permitindo um extravasamento da forma já tão marcada.

Qualquer que fosse o tipo de intervenção teria que responder a um dos principais objectivos referindo-se este às relações entre os espaços adjacentes ao bairro e o interior



Fig. 44 - Vista a partir do miradouro

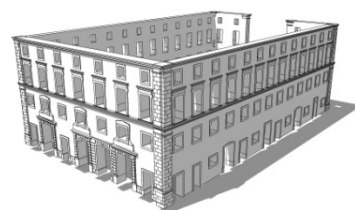


Fig. 45 - Imagem tridimensional das fachadas

deste. Por isso, o interior deste quarteirão tinha que responder à necessidade de percursos internos que interligassem o espaço fora com o espaço dentro do bairro, servindo assim a intervenção como espaço público e local de conexão.

Com a existência de elementos tridimensionais – ruínas – no local de intervenção, a abordagem seria de igual modo tridimensional, sendo que assim, a metodologia de trabalho foi essencialmente delineada a partir de maquetes, percebendo-se, à partida, as relações internas e externas do local.



Fig. 46 – Modelo tridimensional da primeira abordagem

Uma primeira abordagem (Fig.46) partia da ideia de um percurso e de uma deambulação que relacionasse os vãos da ruína com o interior do mercado. Neste contexto a ideia de fachada como cenário era levada ao extremo. Ficando totalmente desconectada da nova intervenção, apenas serviria de base para um jardim vertical. Nesta abordagem não se conseguiu resolver, nem as relações directas ou indirectas com a ruína, nem o aproveitamento do potencial do espaço livre.

A partir dessa abordagem sucederam-se mais experiências (Fig.47), que partiram da necessidade em lograr resolver relações entre percursos e destes com o pé direito do palácio. Mas acabavam por criar mais dificuldades que não conseguiriam ser resolvidas, como por exemplo a distribuição funcional adequada do espaço interior do próprio mercado, pois fosse qual fosse a abordagem, este estava sempre comprometido.

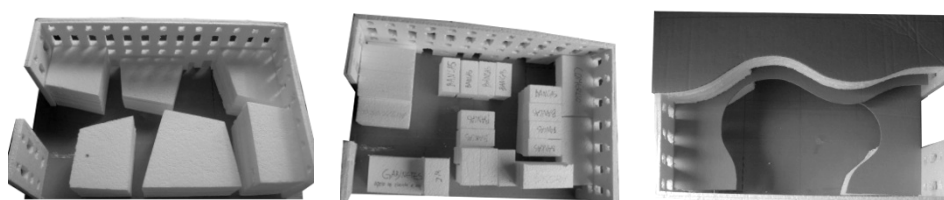


Fig. 47 – Algumas maquetes de diferentes abordagens

Tais tentativas, reitera-se, pareciam nunca resolver as dificuldades arquitectónicas que a ruína acarretava, mas foram essas mesmas tentativas que, embora falhadas, conduziram a conclusões que levaram a um desenvolvimento lógico e natural que resultaram na última e final abordagem ao local de intervenção: “A Caixa dentro da Caixa”.

2. A IDEIA: "A CAIXA DENTRO DA CAIXA"

Nas primeiras abordagens, apresentadas anteriormente, tentou-se contrariar uma forma já bem definida, tentando evitar os limites criados pelo espaço que o palácio originava. Foi necessária a passagem por todas essas tentativas para se perceber que não podia ser contrariado algo que já estava bem definido.

A ruína, como elemento com capacidade de conter e reter algo no seu interior, assume o papel e o conceito de "Caixa". Conceito que originou a última abordagem ao lugar, "A Caixa dentro da Caixa", seguindo, como *"case study"* casos como o da Caixa Forum, projecto do *atelier* Herzog & de Meuron e o Teatro Cinema de Fafe, projecto do *atelier* GLCS Arquitectos com a colaboração de António Guedes.

No projecto da Caixa Forum a antiga fábrica, como que desafiando as leis da gravidade, é levitada criando uma continuidade da nova praça para o espaço contido pelo próprio edifício. O interior da fábrica foi demolido e as suas fachadas são vistas como uma pele que reveste uma nova intervenção, que se assume ultrapassando o pé direito da pré-existência. Aqui, a epiderme que reveste a nova intervenção é manipulada de acordo com as novas necessidades do espaço projectado, sendo recortadas, nessa pele, aberturas para favorecer as relações entre o interior e o exterior.

O projecto de recuperação e ampliação do Teatro Cinema de Fafe tem um outro ponto de partida. Aqui o objectivo era manter a complexidade da "sala à moda italiana com a planta em forma de arco" (D'ALMEIDA 2010:166) mas indo de encontro à necessidade de albergar novas soluções programáticas e técnicas, para isso foi proposto a introdução de uma nova fachada. A nova fachada de vidro permite uma relação do exterior com o espaço contido no seu interior.

Os exemplos anteriormente dados dialogam com as pré-existências de diferentes modos: no primeiro a pré-existência é vista como uma pele da nova intervenção, enquanto no segundo projecto a nova intervenção cria uma nova fachada que envolve a pré-existência, deixando que esta transpareça.



Fig. 48 – Caixa Forum (Madrid)



Fig. 49 – Teatro Cinema de Fafe



Fig. 50 – Diagrama Teatro Cinema de Fafe

A importância de haver um diálogo com o edificado já existente e de este último ser reconhecido, advém do facto de a pré-existência, normalmente, marcar o território em que se insere, tornando-se numa memória colectiva pelo nível de familiaridade que envolve quem por ela passa todos os dias. Torna-se um símbolo de reconhecimento do espaço por nós observado.

" (...) Dada a marcha constante do tempo e de tudo o que tal marcha acarreta e significa, um espaço organizado nunca pode vir a ser o que já foi, donde ainda a afirmação de que o espaço está em permanente devir." (TÁVORA 2008:19)

Neste trabalho, e tendo em consideração que o Palácio Lumiares por ordem do tempo e do Homem já não pode ser o que outrora foi, assume-se as fachadas pré-existentes desta ruína como um filtro, adicionando assim uma nova variante aos exemplos de intervenção vistos anteriormente.

O espaço exterior trespassa o ritmo marcado pela variação própria dos vãos, permitindo que o espaço no interior do quarteirão seja como que um prolongamento da rua, dos enfiamentos visuais e das típicas vivências do Bairro Alto, trazendo assim o espaço vivido do bairro – as ruas – para o interior do espaço projectado. Esta relação entre as ruas e o espaço projectado origina áreas de conexão e intersecção que marcam os espaços de encontro e as entradas para o interior do espaço edificado.

São esses prolongamentos e atravessamentos que originam os "espaços entre", vazios que se tornam parte integrante da arquitectura e das vivências: é espaço que liga e espaço que separa.

"Esta noção, tantas vezes esquecida, de que o espaço que separa – e liga – as formas é também forma, é noção fundamental, pois é ela que nos permite ganhar consciência plena de que não há formas isoladas e de que uma relação existe sempre, quer entre as formas que vemos ocuparem o espaço, quer entre elas e o espaço que, embora não vejamos, sabemos constituir forma – negativo ou molde – das formas aparentes." (TÁVORA 2008:12)

2.1. NO CONTEXTO DA REUTILIZAÇÃO

Esta evolução dos modos de habitar, apropriando-nos das pré-existências, leva inevitavelmente à necessidade de adaptá-las e requalifica-las às nossas necessidades.

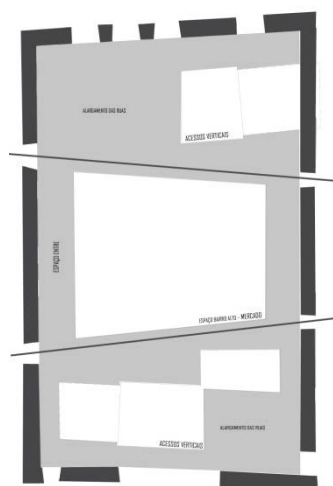


Fig. 51 – Diagrama relações entre o exterior e o interior do quarteirão (espaço vazio projectado)

Essa capacidade de adaptação é factor fulcral para garantir a sobrevivência dos espaços já existentes. O tempo altera as nossas necessidades e o Homem altera os espaços existentes na cidade reconvertendo-os à sua imagem, ganhando novamente utilidade e reocupando o seu lugar na sociedade, reutilizando assim elementos patrimoniais.

Preservar uma obra arquitectónica implica actuar sobre um conjunto vasto de aspectos tais como os valores estéticos, históricos, documentais ou funcionais.

Não podemos portanto intervir em pré-existências sem compreender antes o impacto que diferentes valências da recuperação do edificado podem ter enquanto base da intervenção, valências estas como a Conservação, o Restauro ou a Reabilitação.

Até ao século XIV-XVI, em Itália, restaurar significava reutilizar o elemento arquitectónico, renovando-o e recuperando-o de acordo com os padrões arquitectónicos e as normas construtivas vigentes nesse momento. É nesse mesmo século que surge a ideia de restauro mais próxima do significado moderno, justamente quando se adquire uma consciência histórica a par de um pensamento crítico e científico que permite distinguir o presente do passado histórico. Com o surgimento da História da Arte, a arquitectura histórica passa a ser classificada dentro de estilos permitindo uma diferenciação metodológica dos produtos do passado. Esta distinção permite estabelecer um novo espaço temporal que se distancia da contemporaneidade. A noção de antiguidade leva a uma apreciação da beleza de elementos do passado e introduz a necessidade de garantir a sua preservação.

RESTAURO

Entende-se, então, por restauro o completamento ou a consolidação de monumentos, estes desenvolvidos com base em análises prévias que permitam empregar elementos originais, procedendo-se “ao preenchimento de lacunas por meio de reproduções simplificadas e distinguíveis” (AGUIAR 2005:40), sem com isso atingir uma semelhança que conduza à falsificação histórica, nem uma diferenciação tal que possa perturbar a leitura estética do monumento.

A Reabilitação está associada a noções como a utilização e a função. Enquanto ideia de Reabilitação esta pode ser distinguida em duas vertentes: a Reabilitação Urbana e a Reabilitação do Edificado.

REABILITAÇÃO

A Reabilitação Urbana define-se como um conjunto de estratégias destinadas a potenciar valores sociais e económicos bem como funcionais e ambientais de determinadas zonas urbanas para elevar a qualidade de vida das pessoas que as habitam melhorando as suas infraestruturas e espaços urbanos.

A Reabilitação do Edificado define-se, também, como um processo que possibilita uma reparação, renovação ou modificação de um edifício com o objectivo de o tornar funcional e eficiente de acordo com critério exigidos hoje, tendo em conta a preservação dos valores estéticos, históricos e funcionais da pré-existência.

CONSERVAÇÃO

Associada à reabilitação o conceito de conservação de um bem cultural deve ser entendido como um processo de cuidar de um lugar com o objectivo de manter a sua importância cultural. Tal pode abranger uma associação de vários processos desde a manutenção, a preservação, o restauro, a reconstrução ou reintrodução de um uso ou novos usos.

3. UMA RUINA, UMA FACHADA

Os edifícios que compõem o espaço urbano vão sofrendo alterações constantes, sendo adaptados e readaptados a novas realidades e a novos usos, intensificando, de certo modo, o sentimento de pertença continua às gerações.

O Palácio Lumiares que já foi adaptado, descaracterizado e alterado para satisfazer os diferentes usos de que foi alvo, agora é apenas a sombra do que já foi, restando para memórias futuras as suas fachadas, as suas ruínas. Ruínas estas que delimitam e marcam o território em que se inserem, tornando-se símbolo e ponto de reconhecimento urbano, ligando-se à ideia de identidade do lugar.

A identidade de um lugar só é completamente entendida depois de experienciada. Os lugares provocam nas pessoas que os habitam um sentido de pertença, conseguindo, através da memória, defini-las, criando uma identidade pessoal. Das palavras de José Aguiar “a identidade é, realmente, um facto sociológico de primeira importância que se manifesta através de um processo de *auto-reconhecimento* entre lugar e habitante.” (AGUIAR 2005:122)

Assim, as ruínas do Palácio Lumiares marcam uma memória colectiva que atravessa gerações, impõem e limitam o espaço que compõem, bem como o bairro em que se inserem. A permanência das fachadas numa nova intervenção garante a contínua memória e identidade do lugar, mesmo com o espaço reconfigurado e readaptado, em relação há sua imagem, esta já perdida, pois, “manter a identidade pressupõe, então, manter uma relação de estreito reconhecimento cultural entre quem habita e o próprio lugar.” (AGUIAR 2005:123)

A fachada pré-existente, à imagem da nova intervenção, funciona como filtro entre as relações internas e externas do quarteirão: marca e destaca-se em relação à intervenção como cenário a novas vivências em que o jardim vertical assume um papel importante enquanto malha natural que consome - de modo controlado - a pré-existência, criando condições para momentos de relações pontuais entre a pré-existência e a nova intervenção. O jardim vertical desenvolve-se através de uma trama (ver referência Fig. 52) que direcciona a vegetação, tendo esta como ponto de partida uns volumes moldados na fachada da pré-existência, mantendo assim as raízes afastadas do pavimento.

Consoante os usos que foi tendo o palácio foi sendo adaptado a novas realidades, tanto ao nível dos interiores quando foi transformado para inquilinato, como ao nível das fachadas. Estas do primeiro piso para cima mantiveram-se inalteradas, mas ao nível do piso térreo, com a inserção do comércio, quase todos os vão foram alterados consoante as necessidades dos comerciantes: as portas têm alturas diferentes, janelas foram criadas ou ampliadas, portas viraram janelas e janelas viraram portas.

Olhando para esta adaptação do edifício aos usos diferenciados foi, de modo natural, feita a reabertura de novos vãos indo de encontro com os novos usos da intervenção, criando assim outras relações com o exterior através de rasgos na fachada que originam pontos de contemplação tirando-se, assim, melhor partido das relações entre o mercado e a ruína e desta com o exterior, indo de encontro com a ideia observada na Caixa Fórum (Fig. 53).

Os vãos pré-existentes continuam a marcar a sua presença mesmo que uns sejam fechados e outros mantidos abertos, estes pela pertinência das suas relações com o interior e o exterior do quarteirão e da intervenção.



Fig. 52 - Projecto Benetton de Luciano Giorgi e Liliana Bonforte - Pormenor dos volumes para a vegetação



Fig. 53 - Novos vãos (Caixa Forum)



Fig. 54 - Cofragem - Creche e Jardim de Infância da Ramalha



Fig. 55 - Cofragem - Teatro Thalya

Como já dito no capítulo anterior, a estabilidade das fachadas é garantida por travamentos metálicos, estes anulam toda a beleza das fachadas pré-existentes. Por isso o primeiro objectivo seria encontrar um modo de garantir a sua estabilidade sem comprometer a sua imagem. Os projectos como o Teatro Thalya, projecto de Gonçalo Byrne Arquitectos e Barbas Lopes Arquitectos e o projecto da Creche e Jardim de Infância da Ramalha (Almada) projecto do VMSA Arquitectos foram ao encontro do que se ambicionava para o procedimento estrutural das fachadas, e tornaram-se, então, referências importantes.

Em ambos os projectos recorre-se à cofragem de betão para garantir a estabilidade das pré-existências. É uma cofragem feita a partir do exterior das paredes já existentes, encerrando-as numa caixa de forma elementar que assegura a contenção das ruínas já em avançado estado de degradação.

No projecto aqui desenvolvido recorre-se ao mesmo procedimento, mas a cofragem é feita pelo interior, permitindo um travamento das fachadas a partir das conexões com a nova intervenção. Com a cofragem permite-se um afastamento entre a pré-existência e a nova construção, possibilitando o prolongamento da rua para o interior do quarteirão originando os vazios como parte integrante do projecto, pois, "o espaço que se deixa é tão importante como o espaço que se preenche." (TÁVORA 2008:18)

4. UM NOVO CONCEITO PARA UM NOVO MERCADO

Com a partida das redações dos jornais, a que se juntou a deslocação de muitas empresas e o encerramento de outras, fez-se sentir um enorme impacto nas actividades diurnas do Bairro Alto: é o início de uma crescente desertificação.

Aos poucos foi-se sentindo o isolamento do bairro em relação à cidade, tornando-se num local de paragem obrigatória apenas durante a noite.

Com isto surge a ideia de uma intervenção a partir do desenho de um mercado, criando um espaço público dinâmico e de relação próxima com a comunidade. Um espaço de encontro, de permanência, um local que permita fazer a transição gradual entre o espaço vivido de dia e de noite.

Socialmente é necessário no Bairro Alto um espaço que fomente as relações interpessoais entre habitantes – ou frequentadores – do bairro, criando relações de proximidade e diminuindo o isolamento das gerações.

Mas, e embora o espaço de mercado como espaço público e núcleo urbano nunca tenha sido questionado, espaços como os mercados tem vindo a perder importância no meio em que se inserem. São espaços antigos desenhados para antigas necessidades e não foram adaptados nem se flexibilizaram em relação aos dias de hoje. Espaços como o Mercado do Forno do Tijolo ou mesmo o Mercado da Ribeira são hoje a sombra do que outrora foram, as bancas lentamente vão diminuindo de número e as pessoas que os frequentam muitas vezes não passam de turistas curiosos.

Ao contrário destes, os mercados informais como a Feira da Ladra ou a Feira de Carcavelos começam a reaparecer ou a expandir-se. São mercados orgânicos e formalizam-se através da apropriação da rua; e mesmo sem organização aparente, cada vez tem mais impacto como espaço comercial.

Os mercados informais, ao contrário dos mercados municipais ou dos mercados de bairro, veem o número de frequentadores a aumentar - e aumentaram muito - sendo que quanto maior o número de pessoas também é maior o espaço que o mercado ocupa.

Foi com a análise dos mercados e da sua importância actual na sociedade, que se tornou inevitável rever e reformular o conceito de mercado aqui trabalhado, tendo em conta o contexto do Bairro Alto. Com a contínua perda de importância dos mercados de produtos alimentares, principalmente em bairros históricos de Lisboa, sentiu-se neste trabalho a necessidade deste mercado ser um espaço com mais liberdades comerciais. Daqui nasceu a ideia de estruturar e edificar um mercado tendencialmente informal. Assim nasce um espaço de todos e para todos, onde qualquer pessoa tem a liberdade de comercializar o bem que quiser, desde roupa em segunda mão até peças de *design*.

Mas tal como os mercados informais ganharam importância podem vir a perdê-la novamente, e é aí que surge o conceito de adaptabilidade, conceito este que é essência de todo o projecto, formalizando-se todo o mercado à volta desta característica.



Fig. 56 – Interior Mercado do Forno do Tijolo



Fig. 57 – Feira da Ladra

É um espaço capaz de se adaptar e flexibilizar a novos usos, a novos tempos, exigências e necessidades; é um espaço com carácter de continuidade e de pertença às diferentes gerações. Pode-se tornar em qualquer momento naquilo que for oportuno no contexto do Bairro Alto.

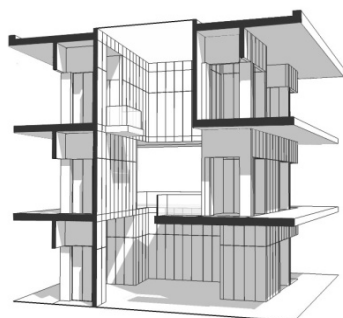


Fig. 58 – Axonometria em corte do núcleo comercial

O cerne do contexto de adaptabilidade nasce do núcleo comercial – centralizado no mercado – que com as suas portas em fole permite que o seu recolhimento origine espaços comerciais adaptáveis às necessidades dos comerciantes e dos utilizadores. Por exemplo, o tamanho de um dos módulos comerciais terá dois metros de largura por dois metros de comprimento; mas se o comerciante achar necessário pode alugar igualmente o módulo ao lado e ao recolher a parede divisória terá um espaço comercial de dois metros de largura por quatro de comprimento.

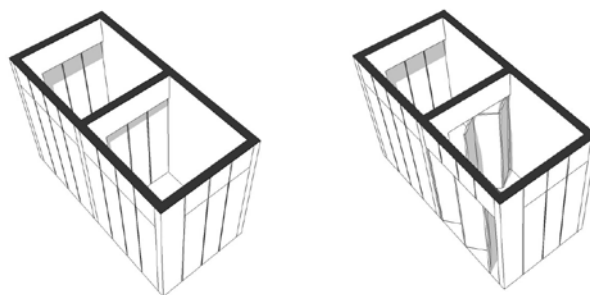


Fig. 59 – Axonometrias dos módulos comerciais – portas fechadas e portas entre abertas

E se num determinado contexto social e económico, o mercado já não tiver utilidade enquanto espaço comercial, este pode ser transformado, por exemplo, numa galeria de apoio aos artistas ou numa biblioteca de apoio à Faculdade de Belas Artes (Fig.60).



Fig. 60 – ESPAÇO BAIRRO ALTO (vivência de mercado na primeira imagem e de biblioteca na segunda)

Por isso a nova intervenção sendo um espaço pronto para vários usos poderá distinguir-se não como o novo mercado do Bairro Alto, mas sim como ESPAÇO BAIRRO ALTO.

5. PROPOSTA FUNCIONAL

A proposta de intervenção pretende associar o carácter social e dinâmico adjacente a um mercado à necessidade de relação entre o Bairro Alto e as pessoas que o habitam com os limites exteriores deste. Assim, propõe-se um local de encontro e permanência com um programa adaptado a novas necessidades.

Desenvolve-se uma estrutura destinada a acolher um mercado e em que no último piso se encontra um espaço de apoio a jovens empreendedores, podendo estes ainda ser flexibilizados consoante as necessidades. Pretende-se assim um maior dinamismo permitindo um funcionamento contínuo, podendo fazer-se a transição entre o espaço vivido de dia e de noite.

6. DESCRIÇÃO DO PROJECTO

O desenho do ESPAÇO BAIRRO ALTO nasce da procura de uma maior definição da pré-existência, voltando a dar-lhe sentido enquanto estrutura edificada. A atitude perante o antigo Palácio Lumiares é a de salvaguardar a sua leitura enquanto identidade de lugar, readaptando-o e manipulando-o de modo a dar lugar a novos usos e novas necessidades.

O projecto assume como objectivo estabelecer uma ligação entre os limites periféricos do bairro, a partir do Miradouro de São Pedro de Alcântara, com o espaço contido nos limites do Bairro Alto, tornando a área de intervenção permeável e acentuando assim a sua relação com a área envolvente. Assim, assumem-se as fachadas em ruínas como cenário e filtro que permitem relações pontuais e a permeabilidade de toda a intervenção, assumindo-se como cerne do projecto o volume destacado destinado ao mercado.

As áreas exteriores ao mercado – espaços “entre” - dilatam e contraem consoante as relações com o interior do espaço edificado e o espaço exterior à ruína. Essa composição do espaço exterior origina espaços de transição e de permanência, relacionando-se estes directamente com o espaço projectado edificado existente.

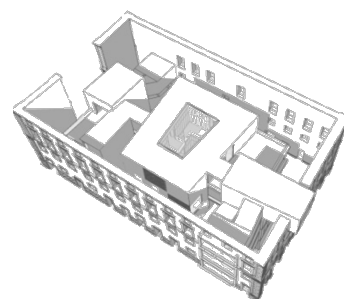


Fig. 61 – Modelo Tridimensional



Fig. 62 - Fachada Oeste

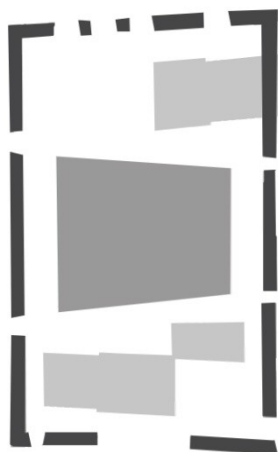


Fig. 63 - Diagrama do Edificado

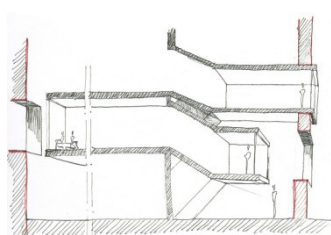


Fig. 64 - Corte Esquemático no núcleo de acesso oeste

Não existe uma entrada principal, mas sim várias e estas estão todas relacionadas de algum modo. Ao criar-se várias entradas não se dá apenas destaque a uma das fachadas mas sim a todas, não havendo assim diferença se a entrada é feita a partir do Bairro Alto ou da Rua de São Pedro de Alcântara.

A entrada dada paralelamente à Rua de São Pedro de Alcântara é marcada pelo cruzamento de enfiamentos que se desenlaçam num largo, servindo como ponto de relação directa entre o Miradouro de São Pedro de Alcântara e o Elevador da Glória, marcando-se aí um ponto de permanência. Ao contrário desta, a entrada feita pelo lado oeste, não faz ligação directa com a respectiva fachada mas sim com a Travessa da Água-da-Flor, anulando assim o peso que o rasgo existente entre as duas fachadas a poente (Fig.62). Ao anular esse peso não se dá especial destaque a nenhuma das entradas, mantendo todas a sua importância.

A intervenção destaca-se em três volumes (Fig. 63): o central é a “caixa” dedicada ao mercado e aos *StartUps*⁹; os outros volumes adjacentes são os núcleos de acesso, ligados ao mercado por umas pontes que se relacionam directamente com os “espaços entre”.

Dos núcleos de acesso destacam-se os volumes compostos pelas escadas. Estes intersectam a ruína originando relações directas com o exterior. A luz que ilumina estes maciços de betão é pontuada por esses grandes rasgos. Evidencia-se o núcleo de acesso a oeste (Fig. 64) em que nem todos os patamares das escadas intersectam com a ruína mas os rasgos continuam a existir, promovendo a possibilidade de desfrutar da relação que existe entre o espaço interior e o exterior da ruína, seja durante a subida das escadas, seja no percurso externo ao mercado.

No interior do volume central nasce o mercado, e aí propõe-se um percurso que se conecta com a praça central, esta coroada pela iluminação da claraboia que pontua o momento.

⁹ Uma startup é uma empresa embrionária ou ainda em fase de constituição, criada por jovens empreendedores, que desenvolvem projectos que podem ser promissores, ligados à pesquisa, investigação e desenvolvimento de ideias inovadoras.

O mercado é definido pelo núcleo comercial central que permite relações sociais e lumínicas a partir do lado interior do mesmo (Fig. 65), sendo que o lado exterior abre os espaços comerciais que vão de encontro com relações pontuais com a ruína e o jardim vertical. O núcleo, para manter constantes relações com o poço de luz é pontuado com rasgos feitos através do negativo de alguns módulos comerciais marcando alternadamente as aberturas e fazendo assim a ligação entre o espaço de circulação e o eixo central de luz.

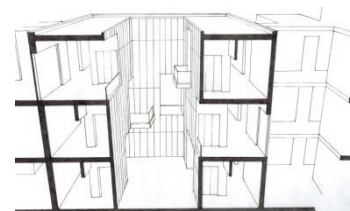


Fig. 65 - Corte Perspético do Poço de Luz

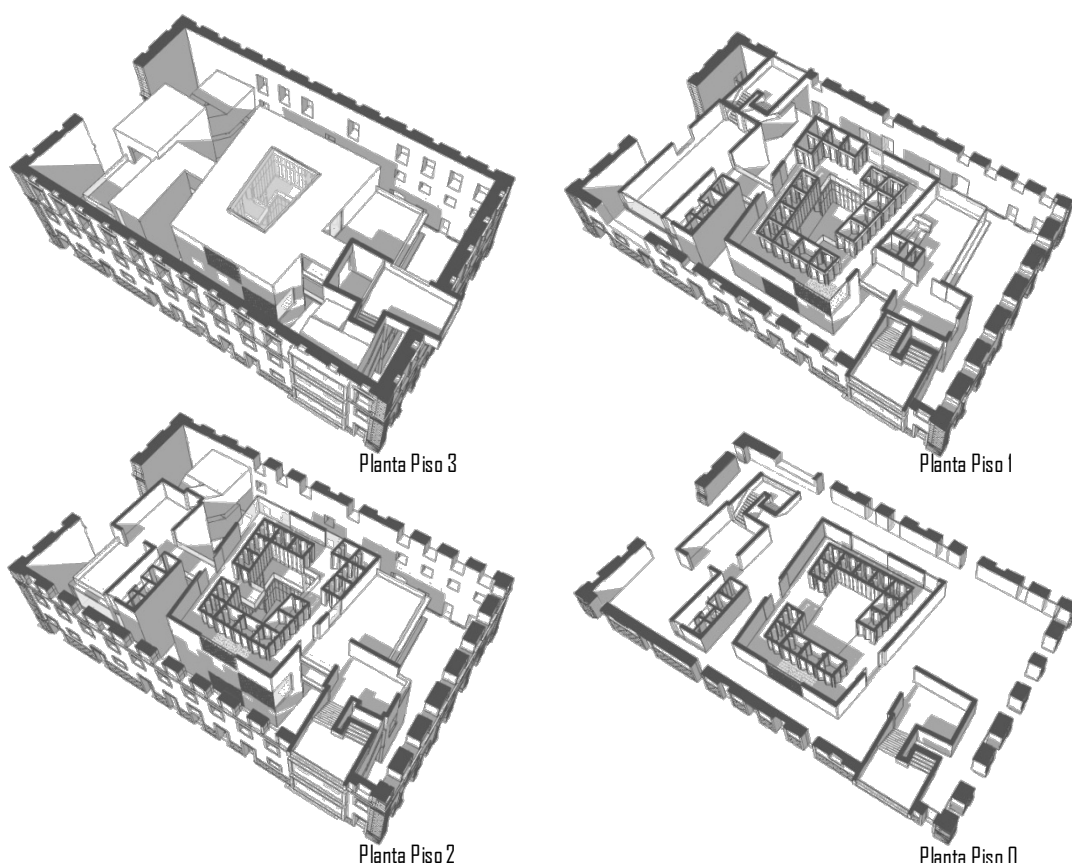


Fig. 66 - Axonometria dos Diferentes Pisos - Relações com o exterior da ruína e Relações internas do Mercado

No piso térreo encontram-se os módulos comerciais, bem como uma zona destinada ao apoio ao comerciante e ao público em geral, que consiga administrar todo o edifício.

No primeiro piso, após a subida das escadas, faz-se o encontro com a cafetaria, esta em consola, cobrindo o largo que assiná-la a respectiva entrada. A cafetaria torna-se ponto de encontro e de contemplação visto que as suas relações com a fachada pré-existente ajardinada e os vão abertos sobre o exterior do palácio são feitas através das suas fachadas em vidro, permeando visualmente o espaço interior e o espaço exterior do edificado.

A seguir à cafetaria impõe-se o mercado propriamente dito, mantendo a mesma configuração que o piso anterior, ou sofrendo apenas alterações em relação à localização dos negativos dos módulos comerciais. A partir do atravessamento do mercado vai-se de encontro ao segundo núcleo de escadas, onde se encontra uma área de contemplação, de conversa e de encontro. O grande vão aí existente combina-se com o rasgo feito na ruína, mantendo as relações entre o interior e o exterior.

Subindo para o segundo piso atinge-se o espaço de apoio a jovens empreendedores, ou *StartUps*. Aqui os espaços são cedidos pela Câmara Municipal de Lisboa para a criação de empresas de qualquer domínio, ainda em fase embrionária. A configuração dos espaços é a mesma dos pisos anteriores o que demonstra a flexibilidade inerente aos módulos comerciais. Aqui também os módulos se adaptam às necessidades de quem os utiliza: os espaços podem ser aumentados – ou não – consoante as necessidades das áreas de trabalho a definir.

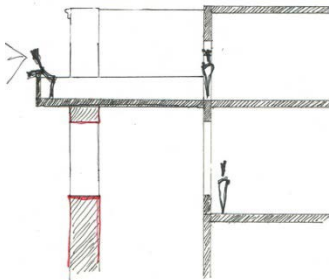


Fig. 67 – Corte Esquemático do Miradouro

O núcleo de acessos situado no lado este destaca-se pelo seu pé direito total. Com mais um piso do que o edifício do mercado torna-se ponto fulcral, com um miradouro que funciona como prolongamento do Miradouro de São Pedro de Alcântara. O miradouro compõe-se por um volume que intersecta a ruína, rasgando-a, originando uma vista panorâmica da zona, gerando assim o ponto mais alto de relação com o exterior do espaço projectado (Fig.67).

Refira-se que o processo de concepção e estudo das relações entre o interior e o exterior foi feito a par do estudo da luz, da cor e da matéria, elementos importantes no desenvolvimento formal e funcional do projecto.

É importante definir o espaço projectado com base na luz, na cor e na matéria, pois estes condicionam a percepção que se tem do espaço e da sua relação com o que o envolve, integrando-se desde cedo estas decisões no próprio projecto. Assim, segue-se uma descrição das decisões tomadas em relações a materiais e cores empregues, bem como a luz que envolve todos os espaços.

Para a escolha das cores da fachada do Palácio Lumiares recorreu-se ao diagrama de estudo de cores do edificado no Bairro Alto (Fig.26), aplicando-se as cores originais, ou seja, branco, sendo que o escolhido foi o Branco NCS S 1005-Y, devido à sua tonalidade mais quente, que vai de encontro tanto com os amarelos existentes nos edifícios circundantes bem como com a aplicação do aço corten em detalhes da fachada. Consegue-se, assim, manter a leitura original do edifício. Enquanto isso, os rasgos provocados pela nova intervenção são marcados pelo aço corten. O mesmo material é aplicado nos caixilhos com vidro fixo existentes na ruína.

O topo da ruína é revestido a chapa de zinco protegendo-a da contínua degradação, principalmente a parte mais sensível às intempéries – o remate da cobertura.

No lado interior da ruína será aplicada uma cofragem de betão branco tal como já explicado anteriormente. Esta será finalizada com um jardim vertical, com um crescimento natural mas controlado, através de plantas trepadeiras que irão lentamente consumindo a ruína e o que a intersecta – volume das escadas.

A nova edificação é estruturada em betão branco, sempre aparente, excepto no volume destacado para uso de mercado. Este é revestido a aço corten, revestimento esse que contorna o mercado intersectando o volume da cafetaria, levando o exterior para o interior do espaço. A sua cor terrosa além de se destacar da pré-existência, confere uma sensação de conforto por ser considerada uma cor “natural”. Essa “caixa” de cor avermelhada é perfurada com a métrica de uma malha em que são referências projectos como a Caixa Forum e o projecto La Tallera Siqueiros de Frida Escobedo. Essa malha segue uma concepção formal inspirada nos padrões de azulejos que revestem edifícios do Bairro Alto, trazendo assim, de forma concepcional, uma característica tão marcadamente do Bairro. Assim, esta malha permite uma relação ténue do interior do mercado com o exterior deste, conseguindo desse modo visualizar-se o jardim vertical ou as vivências ao nível térreo.

FACHADA EM RUINA



Fig. 68 – Aço Corten

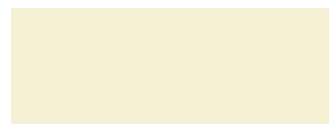


Fig. 69 – Branco NCS S 1005-Y

FACHADA DA NOVA INTERVENÇÃO



Fig. 70 – Aço Corten Caixa Forum

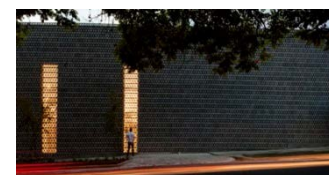


Fig. 71 – La Tallera Siqueiros Frida Escobedo



Fig. 72 – Azulejo fachada Bairro Alto

NÚCLEOS DE ACESSO

Os núcleos de acesso mantêm o betão branco aparente, sendo que no seu interior, no volume destinado às escadas o pavimento é igual ao restante aplicado. A uniformidade do betão só é quebrada com a linha do corrimão, este em aço inox. Todo o volume mantém-se em betão branco aparente, reflectindo de forma ténue a luz que apenas é transmitida dos patamares. Os patamares de acesso aos diferentes pisos são rasgados por vãos coincidentes com os vãos da fachada em ruína, abrindo-se assim o espaço interior para o exterior e vice-versa. Com a predominância do betão aparente consegue-se, pela sua tonalidade, a sensação de rebaixamento da altura do mercado sendo assim mais harmoniosa a proporção entre o espaço de circulação e a altura deste.

PAVIMENTO

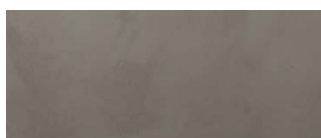


Fig. 73 - Microcimento cor "Prata"



Fig. 74 - Mármore Branco Carrara

O pavimento exterior ao espaço do mercado é composto por uma métrica regular de lajetas de betão de grandes dimensões, mantendo uma leitura uniforme entre o betão da cofragem e o do pavimento. No interior essa uniformidade entre as paredes e o tecto em betão branco aparente e o pavimento é atingida pelo uso de microcimento de cor "prata" (designação da marca) que permite um pavimento sem juntas e duradouro, destacando-se só os módulos comerciais. Esta continuidade só é interrompida no espaço central do mercado onde a claraboia projecta a sua luz; aí o pavimento é em mármore branco "carrara", amaciado, exponenciando assim a intensidade luminica sentida e intensificando a ideia de poço de luz.

ESPAÇO DO MERCADO



Fig. 75 - Parklex Gold

O mercado é marcado pelo núcleo central dos módulos comerciais, estes revestidos a *Parklex Gold* o que, para além de conferir uma sensação de intensificação da luz existente, contrasta directamente com o pavimento e o betão, destacando-se assim como elemento dinâmico do espaço. A utilização do *Parklex* advém da ideia de adaptabilidade dos módulos, as portas de folie sendo compostas por fracções de 50cm de comprimento por 2,5m de altura marcando a métrica do material, não havendo assim distinção entre os espaços com ou sem porta, uniformizando os módulos.



Fig. 76 - Estudo de Cor e Fachada

O interior dos módulos comerciais mantém-se com a mesma materialidade dos restantes espaços, ou seja, o betão branco aparente e o microcimento "prata", originando assim uma certa homogeneidade, conseguindo, desse modo, a adaptação a eventuais usos que venham a ser dados ao ESPAÇO BAIRRO ALTO. As portas de folie interiores, ou seja, as divisórias entre os módulos são compostas por uma estrutura metálica revestida por folha de noqueira, criando uma certa dinâmica entre as portas divisórias, o betão e o microcimento.

A iluminação de um espaço tem imensa importância, esta pode influenciar – positiva ou negativamente – toda a formalização de um espaço. Por isso, tal como a iluminação natural é trabalhada de forma sincronizada com a estruturalização do projecto, a iluminação artificial tem que fazer jus à já moldada iluminação natural.

A iluminação natural é feita nos núcleos de acesso através dos vãos dos patamares e no mercado pela claraboia e pelos vãos abertos e vividos através da malha. Quanto à iluminação artificial, esta é feita na claraboia através da fixação, num rasgo para o efeito, de uma calha, assegurando uma iluminação semelhante de dia e de noite.

No interior dos módulos a iluminação é feita através de cilindros que centram a luz artificial de modo a que esta seja distribuída. Esses cilindros “trazem” a luz para a altura das portas de fole, anulando a excessiva altura dos módulos em relação à sua largura e comprimento. No perímetro dos módulos comerciais é aberto um rasgo no tecto em que é aplicada uma calha, iluminando e marcando assim os limites dos módulos, destacando-os.

Assim, o espaço vivido de noite e de dia marca o espaço urbano do Bairro Alto, sendo este vivenciado de outra forma na zona de impacto da nova intervenção.

ILUMINAÇÃO



Fig. 77 – Iluminação externa aos espaços comerciais

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A regeneração do Bairro Alto através do desenho de um mercado nas ruínas do Palácio Lumiares serviu de desafio inicial deste projecto, reflectindo-se sobre a adaptabilidade do construído, aos tempos e aos usos, bem como a importância que a intervenção, a partir de um espaço público edificado, teria nas relações entre o Bairro Alto e o espaço exterior aos limites deste.

Embora o mercado como espaço comercial esteja a perder importância este nunca foi questionado como polo dinamizador do espaço urbano. Assim a proposta de intervenção a partir do desenho de um mercado surge como necessidade social e da relação do espaço urbano com a comunidade. O quarteirão serve de ponto de convergência entre ruas, serviços e pessoas. Um local de passagem e permanência, um espaço que promove a transição entre o vazio que se sente no bairro durante o dia e o sobrepovoamento à noite.

Uma nova intervenção necessitava de garantir uma comunhão com as ruínas, assegurando o reconhecimento patrimonial do lugar intervencionado. Assim, a utilização da cor original na fachada do Palácio Lumiares ajuda à preservação da sua identidade como elemento arquitectónico pré-existente. A par disso a cofragem de betão intersectada pela nova intervenção permite a estabilidade estrutural da ruína.

O afastamento entre a fachada e a nova intervenção – permitido pela estabilidade estrutural dada pela cofragem de betão -, bem como as diferenças arquitectónicas existentes entre ambas, contribuirão tanto para o reconhecimento da pré-existência e da sua intervenção, como para a criação dos “espaços entre”: espaços de transição e de relação com o espaço exterior à ruína, ou seja, de relação com as ruas, “trazendo” a rua para dentro do espaço projectado.

A apropriação da fachada pelo jardim vertical consegue relacionar-se com o espaço interior do mercado, criando algum dinamismo nos espaços de contemplação, alterando também a percepção dos espaços interiores.

Cumprindo-se a principal intenção deste projecto, que se prende com o desenho de um mercado, conseguiu-se a partir daí o desenvolvimento de um espaço público de conexão entre o espaço “interior”, e os elementos urbanos “de fora” e “de dentro” dos limites do Bairro Alto, com a existência de novos usos para novas necessidades. Reviu-se, portanto, o conceito inerente ao mercado adaptando-o a novas realidades, tornando-se, assim, flexível ao tempo, aos usos e às necessidades, encarando-se assim este espaço edificado como polo dinamizador deste fragmento da cidade.

No contexto de adaptabilidade os módulos comerciais garantem a flexibilidade do próprio espaço, isto, porque os módulos como elementos arquitectónicos permitem esta versatilidade a partir da sua estrutura funcional e da sua métrica construtiva.

Através deste trabalho pensa-se ter respondido aos objectivos propostos, mostrando através da prática projectual enunciar uma nova forma de abordagem em intervenções adequadas a pré-existências, recorrendo à adaptabilidade do espaço projectado para que este perdure. A par da realização dos objectivos propostos recorreu-se ao estudo da cor e da luz como instrumentos fundamentais no processo de concepção do projecto enquanto ferramentas que podem alterar a percepção de todo o espaço; quando bem usadas reforçam as opções formais e funcionais do projecto arquitectónico.

BIBLIOGRAFIA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PRINCIPAIS:

AGUIAR, José, "Cor e Cidade Histórica", ed. FAUP, 2005

BARRETA, João M. B., "Mercados Municipais em Portugal – cenário para 2030", in *Distribución y Consumo*, 2011

CLEMENTE, Augusto, RIBEIRO, Rogério, "Lisboa – Pelouro da reabilitação urbana nos núcleos históricos", ed. Câmara Municipal de Lisboa, 2000

FRANÇA, José-Augusto, "A Sétima Colina", ed. Livros Horizonte, 1994

FRANÇA, José-Augusto, "Lisboa: urbanismo e arquitectura", ed. Livros Horizonte, 2005

FURTADO, Teresa, MORGADO, Cláudia, "Palácio Andrade/Palácio Lumiares/Palácio Cunha e Menezes", DGEMN – PT031106150313, 2002

LEAL, Inês, "A (Re) interpretação do Mercado: O caso do Bairro Padre Cruz", Projecto Final de Mestrado, Faculdade de Arquitectura - Universidade Técnica de Lisboa, 2011

MORGADO, Cláudia, "Bairro Alto de São Roque", DGEMN - PT031106150275, 2003

OLIVEIRA, Ana Rita, "Evolução do conceito de Mercado em Portugal da arquitectura do Ferro à arquitectura contemporânea", Dissertação para a obtenção do grau de Mestre, Instituto Superior Técnico – Universidade Técnica de Lisboa, 2008

PINTAUDI, Silvana Maria, "Mercados Públicos: metamorfose de um espaço na história urbana", in *Scripta Nova*, vol X nº218, Universidade de Barcelona, 2006

TÁVORA, Fernando, "Da Organização do Espaço", ed. FAUP, 2008

VELASCO, Emília Maria, "Mercado de Campo de Ourique", ed. Câmara Municipal de Lisboa, 1995

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS SECUNDÁRIAS:

ADRIÃO, José, CARVALHO, Ricardo, "Editorial", JA229, p.2, Dez 2007

AGUIAR, José, APPLETON, João, CABRITA, António Reis, "Manual de apoio à reabilitação dos edifícios do Bairro Alto", ed. Câmara Municipal de Lisboa, 1993

BLOSZIES, Charles, "Old Buildings, New Designs- architectural transformations", Ed. Princeton Architectural Press, 2012

CAMPOS, Nuno, MATOS, Patrícia, "Guia de Arquitectura – Espaços e Edifícios Reabilitados, ed. Traço Alternativo - Arquitectos Associados, 2012

FERREIRA, Tatiana, "Projectar com Luz, Cor e Matéria em Espaços Pré-Existentes", Projecto Final de Mestrado, Faculdade de Arquitectura – Universidade Técnica de Lisboa, 2013

TOUSSAINT, Michel, "Anuário de Arquitectura [12]", ed. Caleidoscópio, 2009

TOUSSAINT, Michel, D'ALMEIDA, Patricia, CARVALHO, Ricardo, "Anuário de Arquitectura [13] ", ed. Caleidoscópio, 2010

VIANA, Carina, "Mercado dos Torreões", Cadernos Vienenses 41 p. 279-291, ed. Câmara Municipal de Viana do Castelo, 2008

REFERÊNCIAS ONLINE

<http://europaconcorsi.com/albums> <http://mercadobomsucesso.com/> (Maio de 2013)

<http://www.arquitectos.pt/documentos/1323777205R8dKF7xk4NhI2NT2.pdf> (Junho de 2013)

http://www.cadernosmetropole.net/download/cm_artigos/cm25_204.pdf (Junho de 2013)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_arquitetura_em_Portugal#Arquitetura_ch.C3.A3._281580_-_1640.29 (Julho de 2013)

<http://acocortensp.blogspot.pt/> (Julho 2013) [http://www.infopedia.pt/\\$barroco-joanino](http://www.infopedia.pt/$barroco-joanino) (Setembro de 2013)

Autor: Mariana Dias Meixedo

Título da Obra: Architecturas Revisitadas: Proposta de Um Novo Mercado do Bairro Alto nas
Ruínas do Palácio dos Lumiares

Número de Palavras: 15.850

Este documento foi escrito de acordo com a antiga ortografia, incorrendo assim no período de
transição para o Novo Acordo Ortográfico (em vigor desde Janeiro de 2009)

ANEXOS

ARQUITECTURAS REVISITADAS

PROPOSTA DE UM NOVO MERCADO DO BAIRRO ALTO NAS RUINAS DO PALÁCIO DOS LUMIARES

Mariana Dias Meixedo

Lisboa, FAUL, Novembro de 2013

INDICE DOS ANEXOS

ANEXO I – Referências

ANEXO II – Processo de Trabalho

1. Desenhos Esquemáticos
2. Fotografias das Maquetes de Estudo
3. Fotografias da Maquete Final
4. Diagramas
5. Axonometria
6. Cortes Perspécticos
7. Vistas e Fotomontagens de Estudo
8. Vistas e Fotomontagens Finais

ANEXO III – Peças Desenhadas

1. Planta de Implantação
2. Planta de Cobertura
3. Planta Piso 3
4. Planta Piso 2
5. Planta Piso 1
6. Planta Piso 0
7. Alçado Norte
8. Alçado Sul
9. Alçado Este e Alçado Oeste
10. Alçado Interior Norte
11. Alçado Interior Sul
12. Alçado Interior Este e Alçado Interior Oeste
13. Corte AA' e Corte BB'
14. Corte CC'
15. Corte DD'
16. Corte EE' e Corte FF'

ANEXOS IV - Pormenores

1. Pormenor 1
2. Pormenor 2
3. Pormenor 3

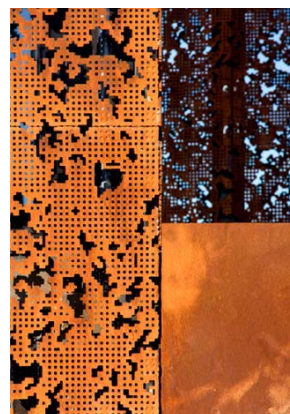
ARQUITECTURAS REVISITADAS

PROPOSTA DE UM NOVO MERCADO DO BAIRRO ALTO NAS RUINAS DO PALÁCIO DOS LUMIARES

ANEXO I – Referências

No Anexo I estão organizadas fotografias e desenhos que de algum modo fizeram parte, como elementos de referência e inspiração, do processo de desenvolvimento do trabalho.

Caixa Forum, *Herzog & De Meuron*,
2003-2008



Teatro Cinema de Fafe, *GLCS Arquitectos + António Guedes*,
2004-2009

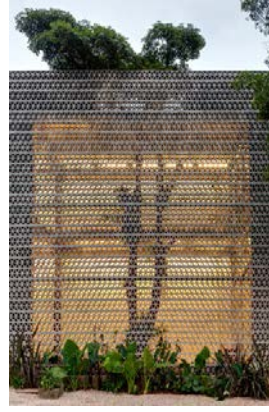


Teatro Thalia, *Gonçalo Byrne
Arquitectos + Barbas Lopes
Arquitectos*, 2008



Reabilitação e Ampliação da Creche e
Jardim de Infância da Ramalha,
Almada, *VMSA Arquitectos*, 2007-2010





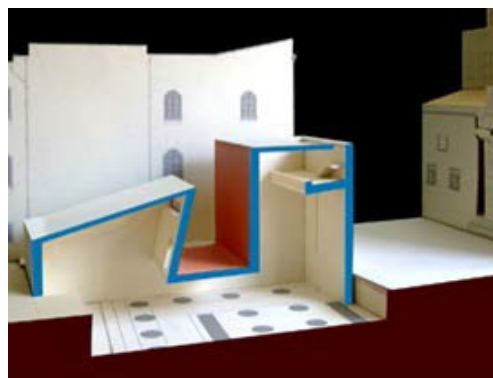
La Tallera Siqueiros, *Frida Escobedo*, 2010



Projecto Benetton, *Luciano Giorgi e Liliana Bonforte*, 2009



Projecto ORDOS 100 #17, *At 103*
/ *Julio Amezcuca + Francisco Pardo*, 2009



Acesso para as escavações
arqueológicas, Siracusa, *Vincenzo Latina*, 2007

Restauração da Torre de Huerca-Overa,
Castillo Miras Arquitectos, 2010



Centro de Memória, Arquivo, Museu e
Jardim de São Sebastião, *Manuel Maia
Gomes, 2002-2008*



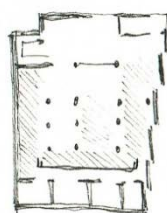
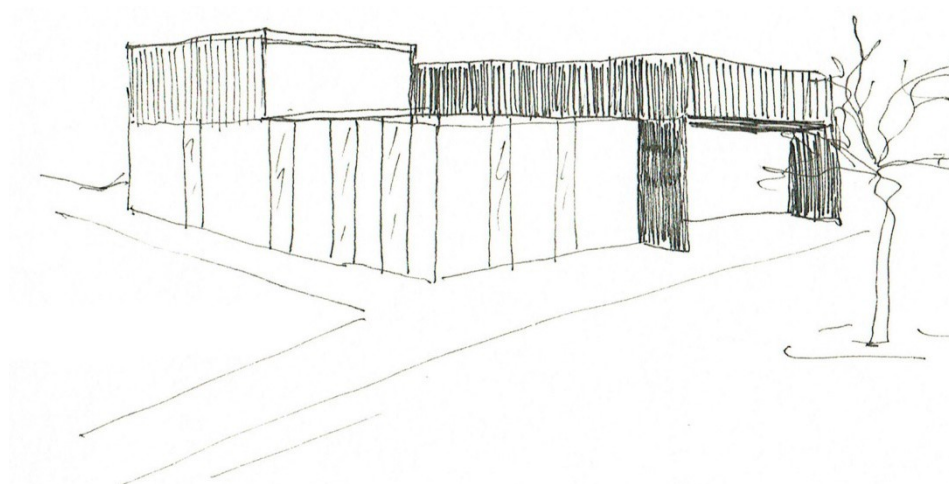
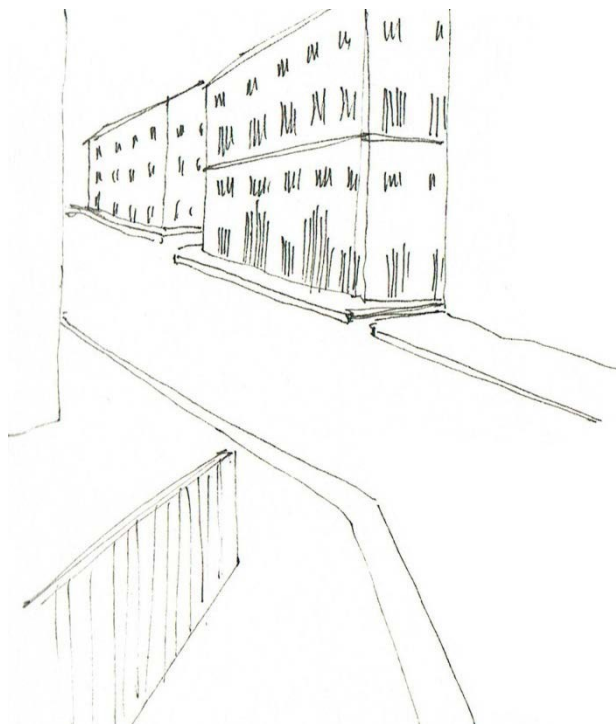
ARQUITECTURAS REVISITADAS

PROPOSTA DE UM NOVO MERCADO DO BAIRRO ALTO NAS RUINAS DO PALÁCIO DOS LUMIARES

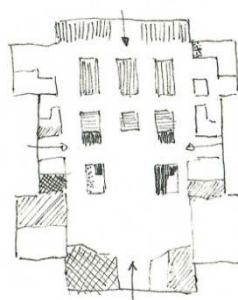
ANEXO II – Processo de Trabalho

No Anexo II estão organizadas as imagens dos desenhos à mão levantada que marcam a esquematização de pensamentos que foram surgindo durante o processo criativo, bem como modelos e estudos tridimensionais.

I. DESENHOS ESQUEMÁTICOS

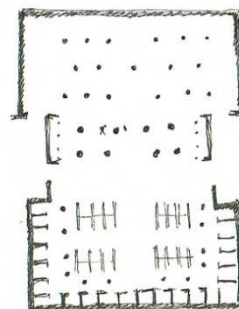


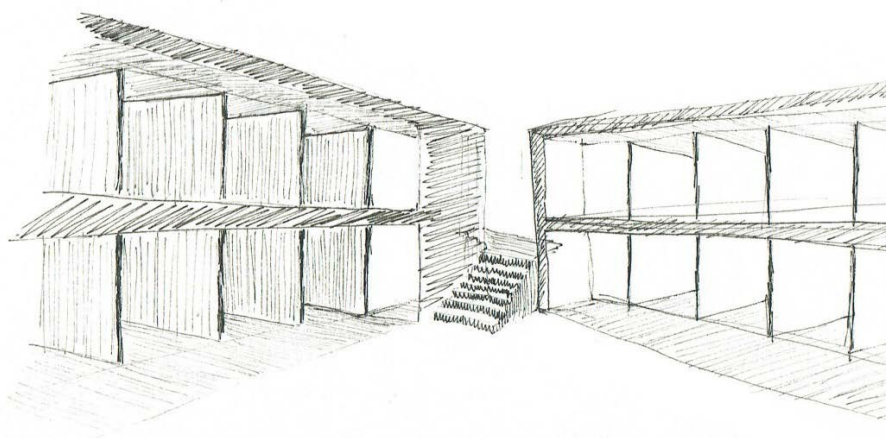
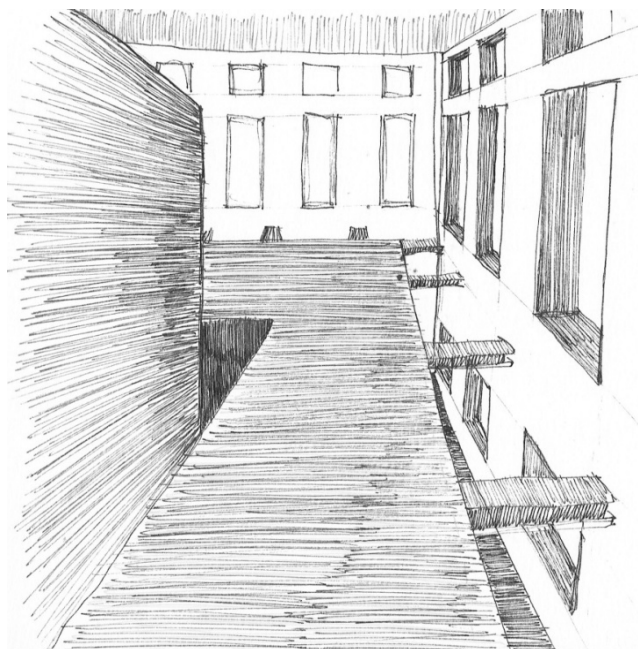
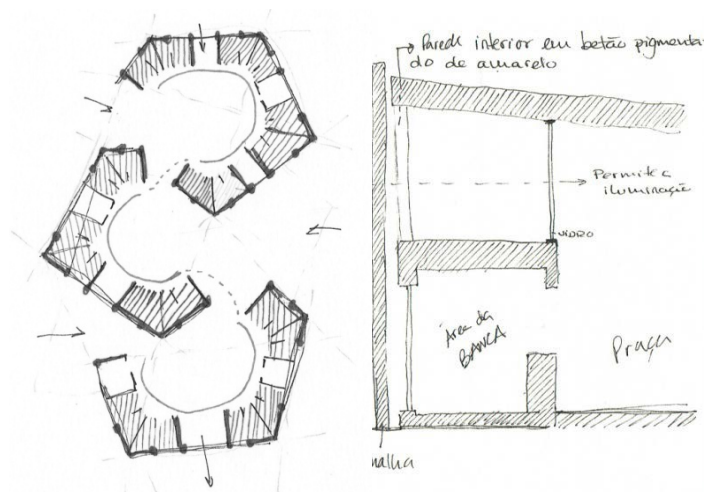
Mercado Eximera

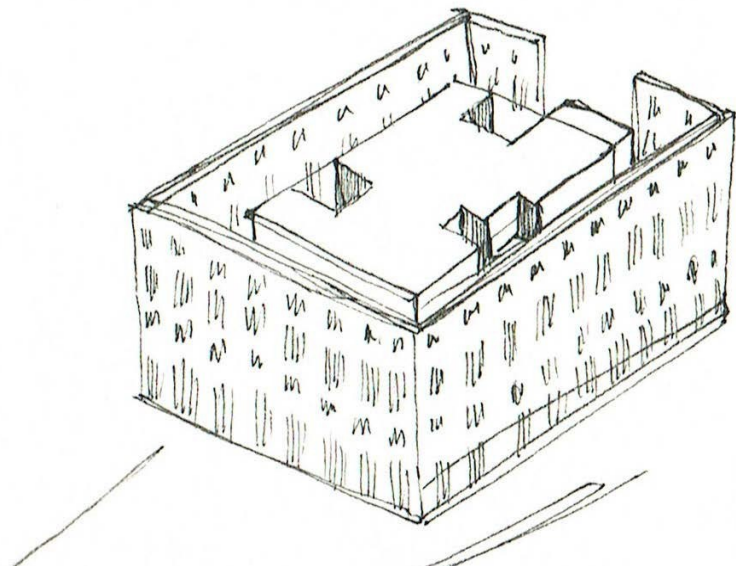
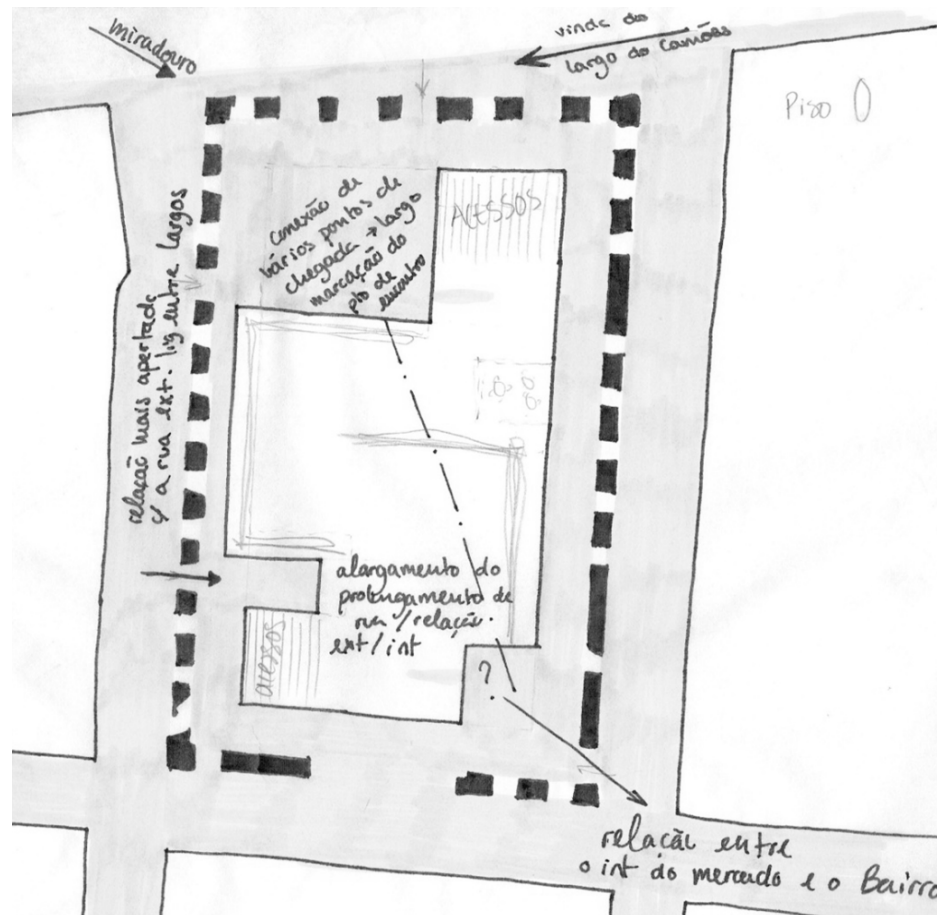


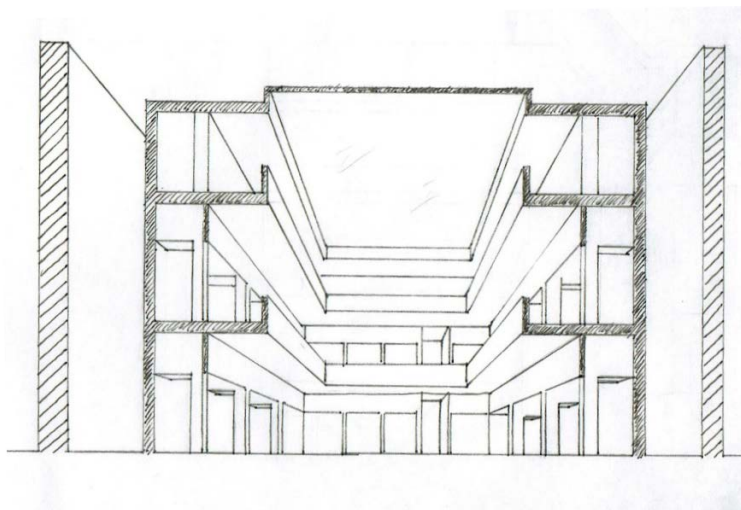
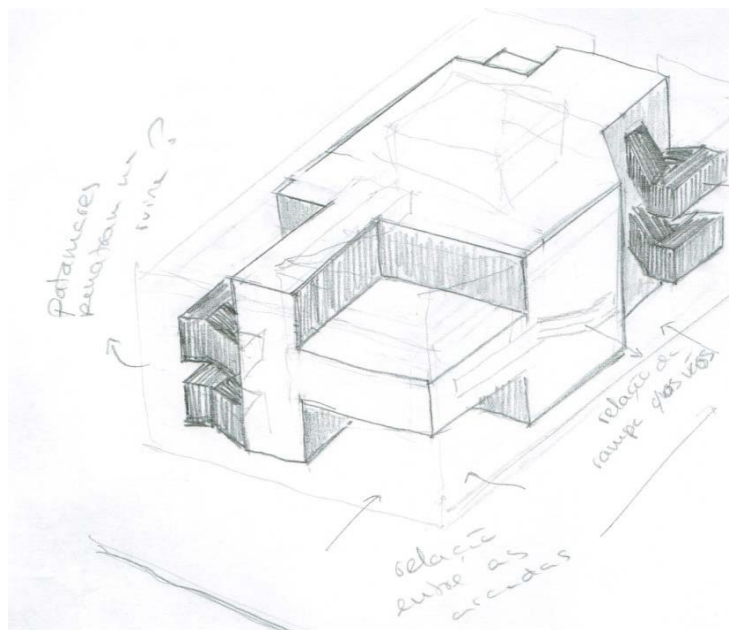
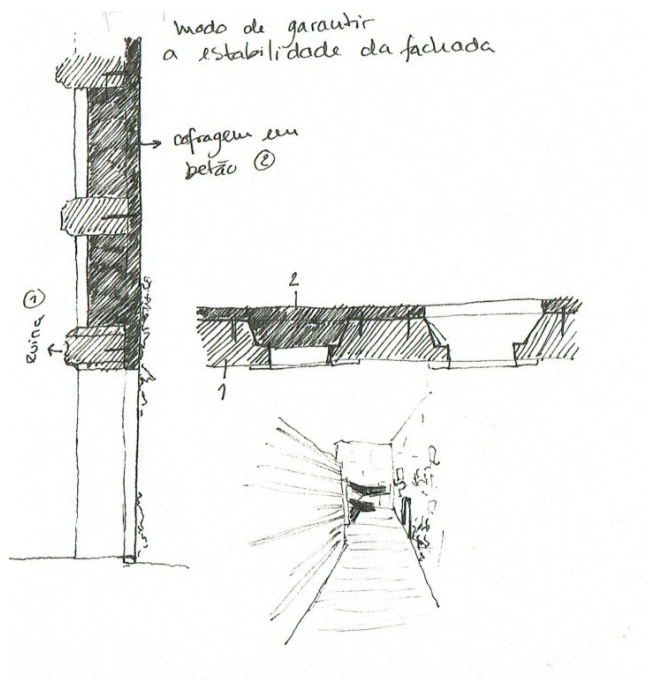
Mercado de Hafia

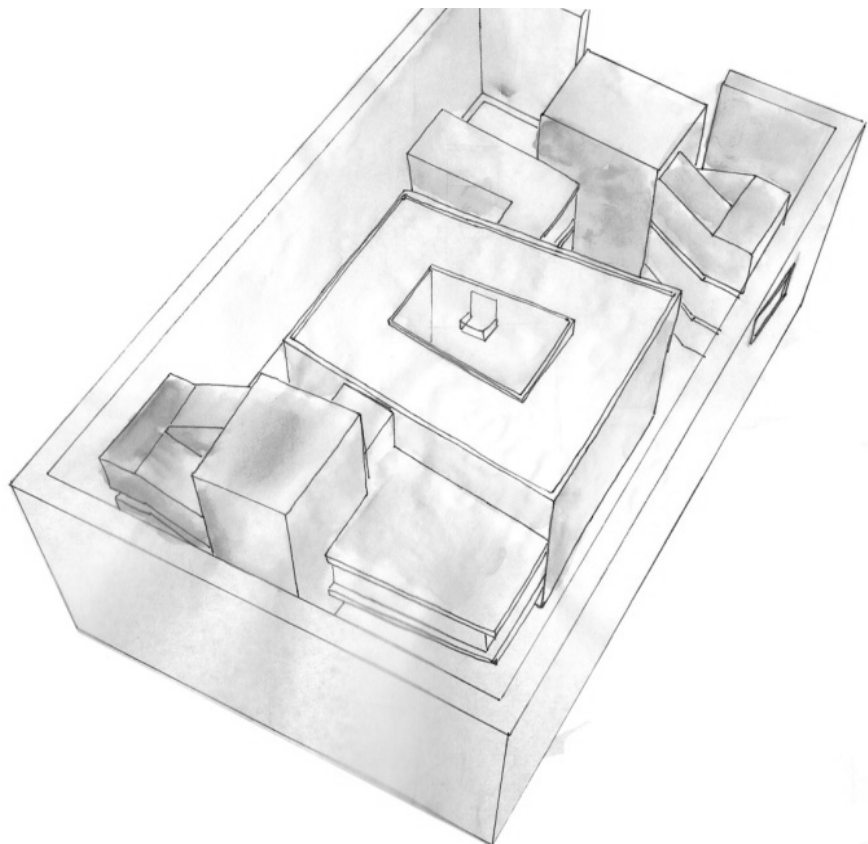
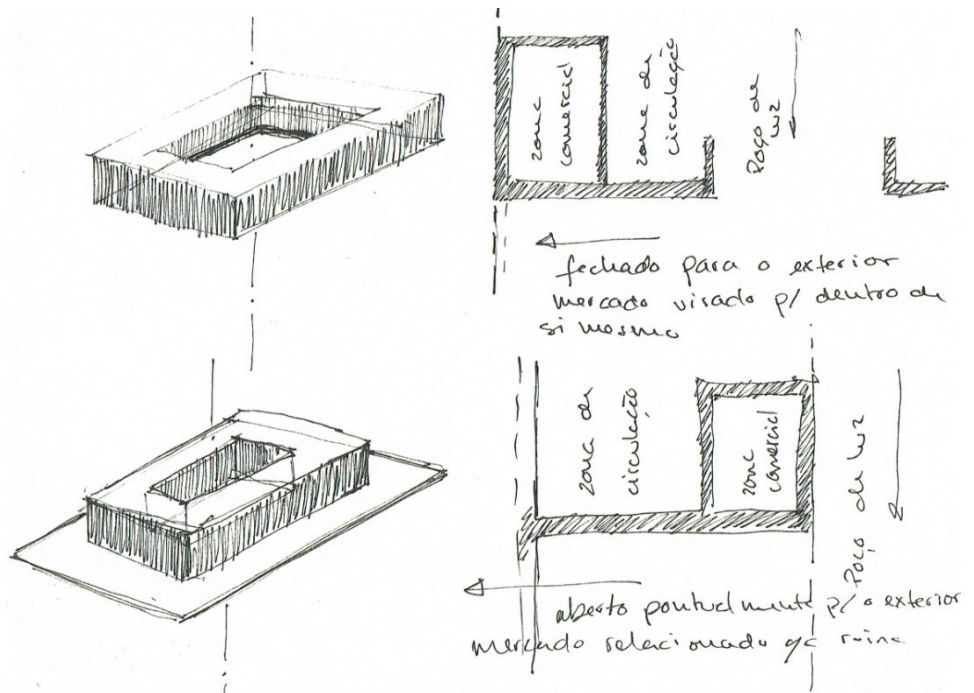
- Peixe
- Talho
- Flores
- Fruta e legumes
- Cafes
- Pão

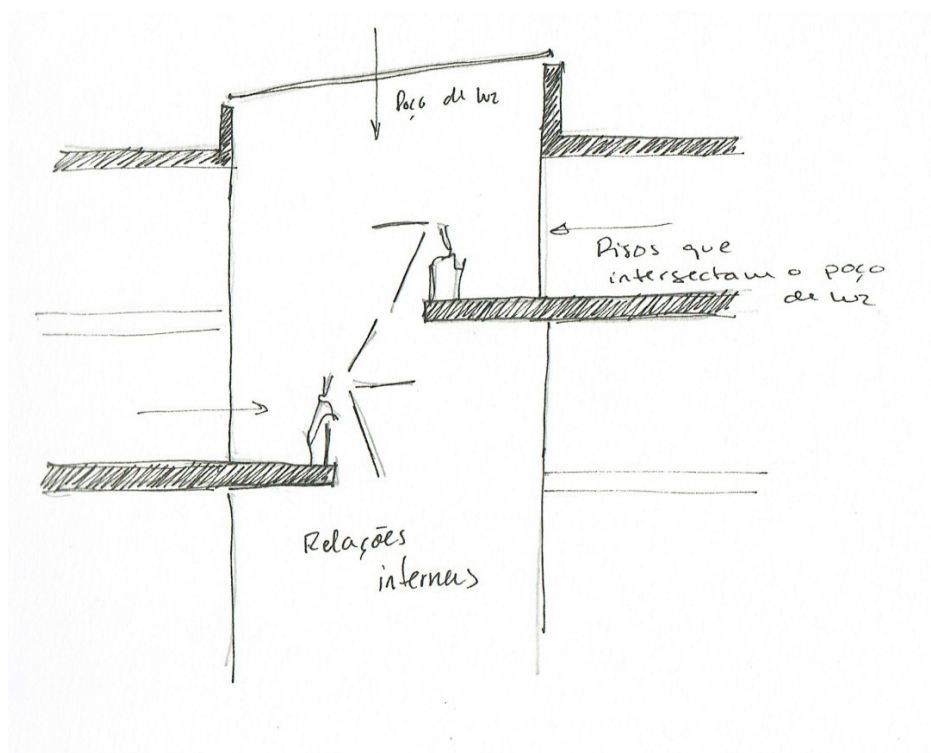
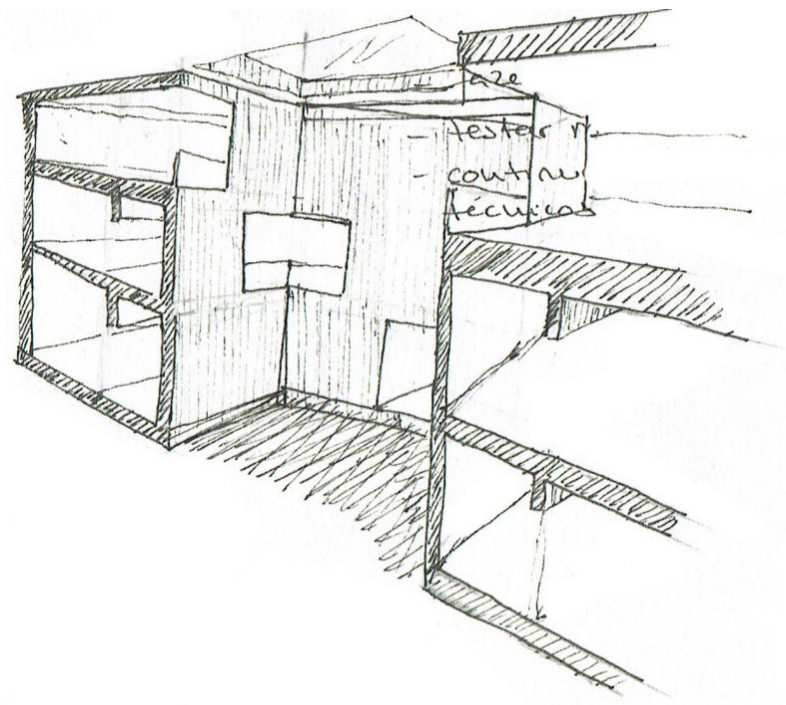


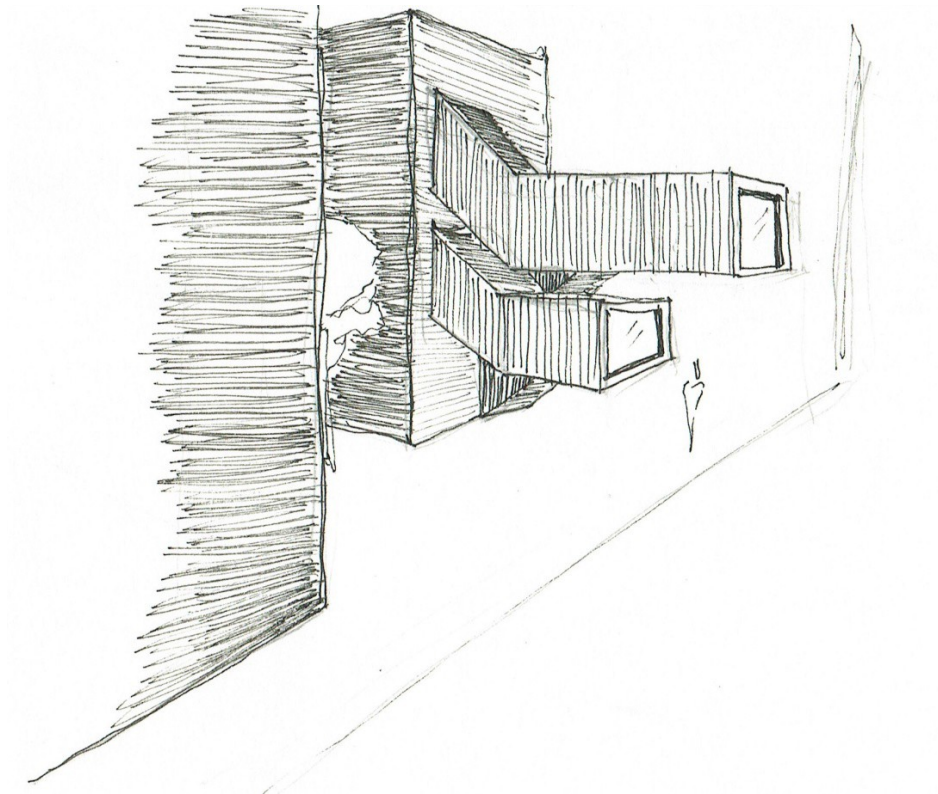
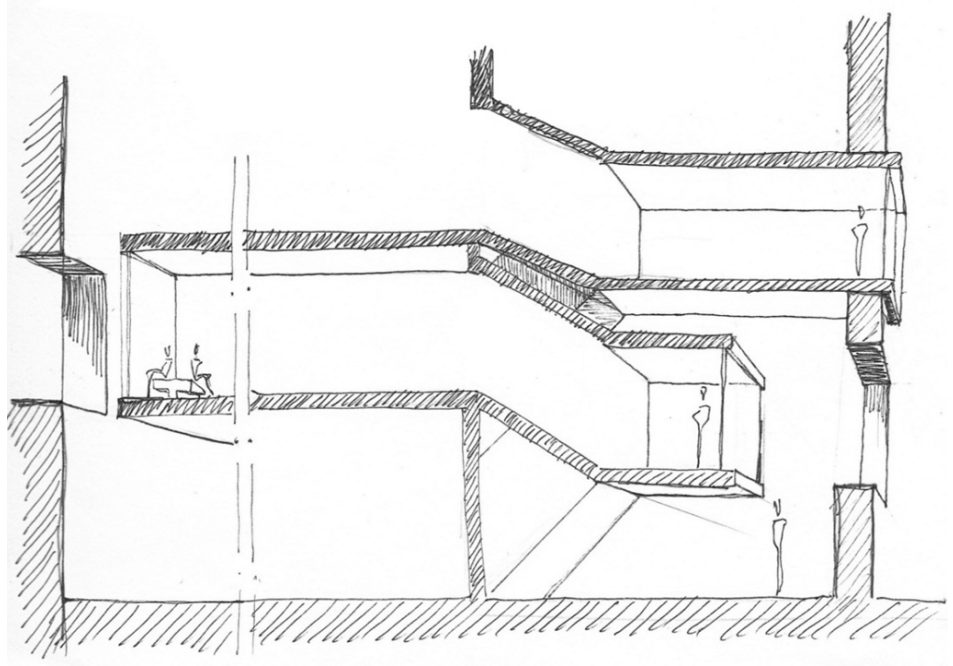


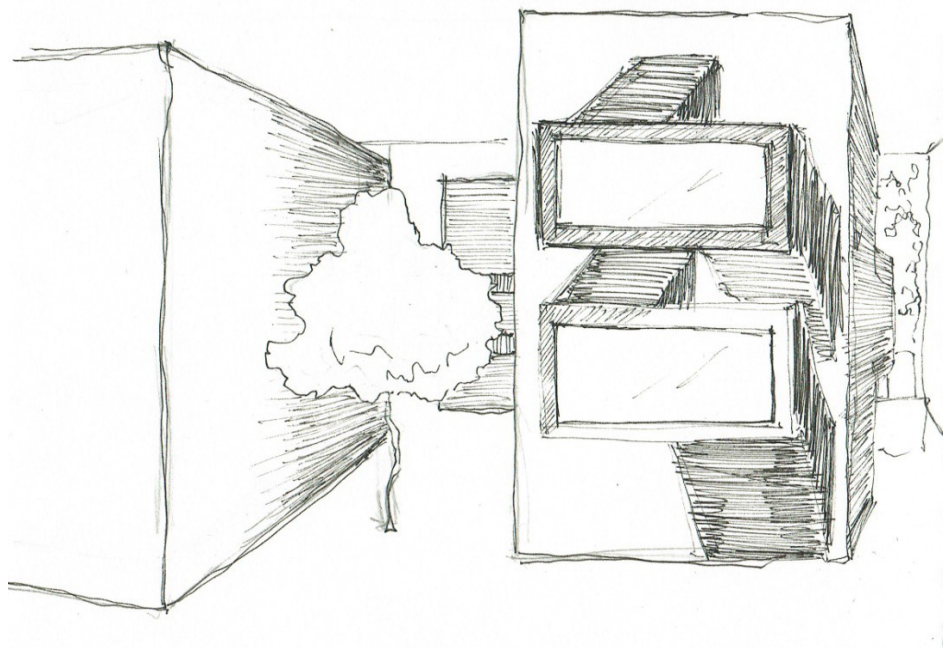
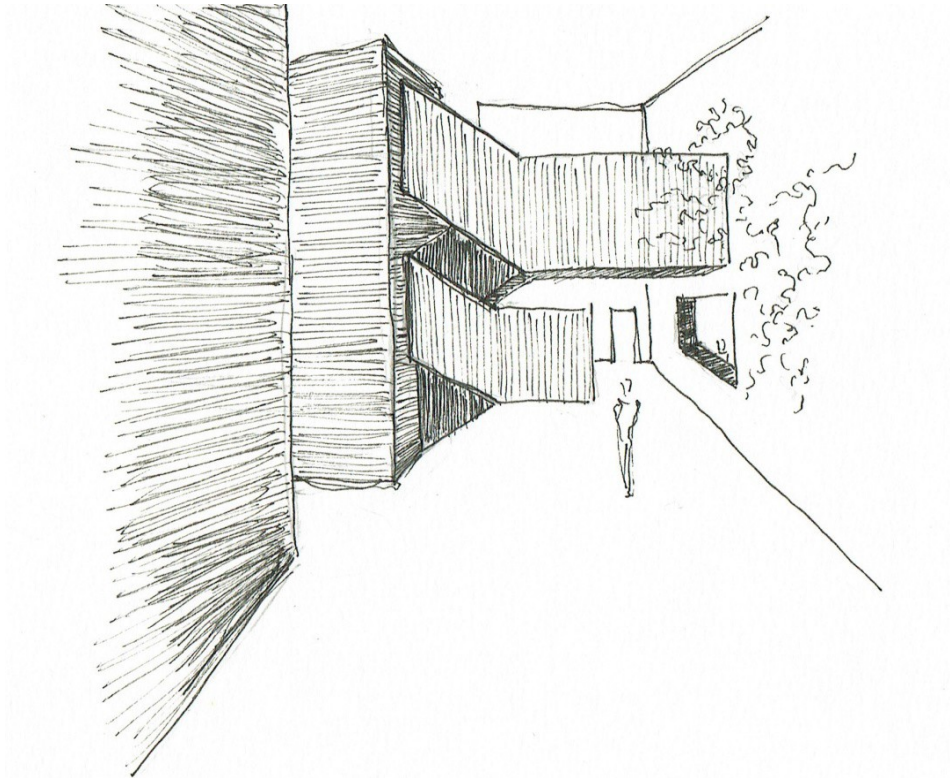


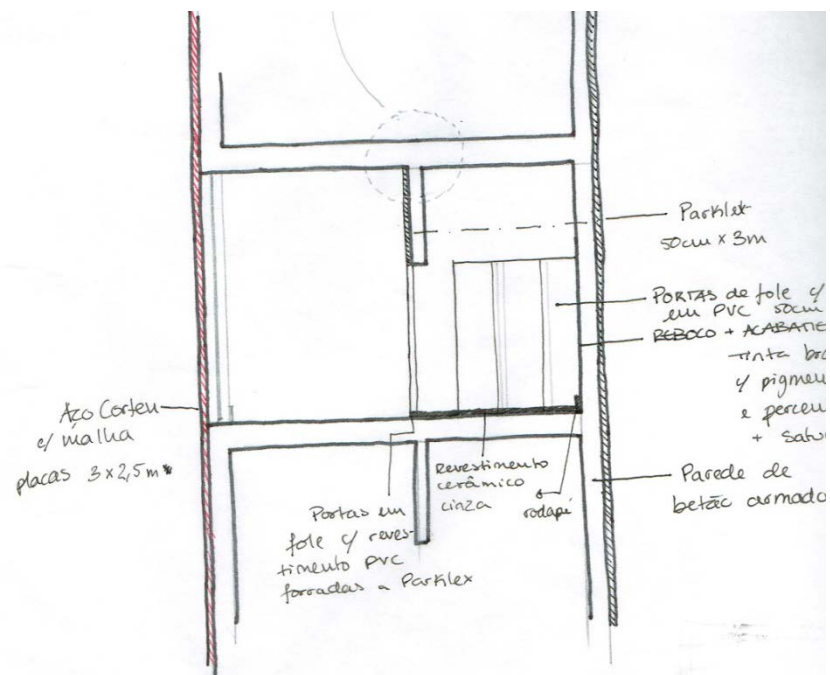
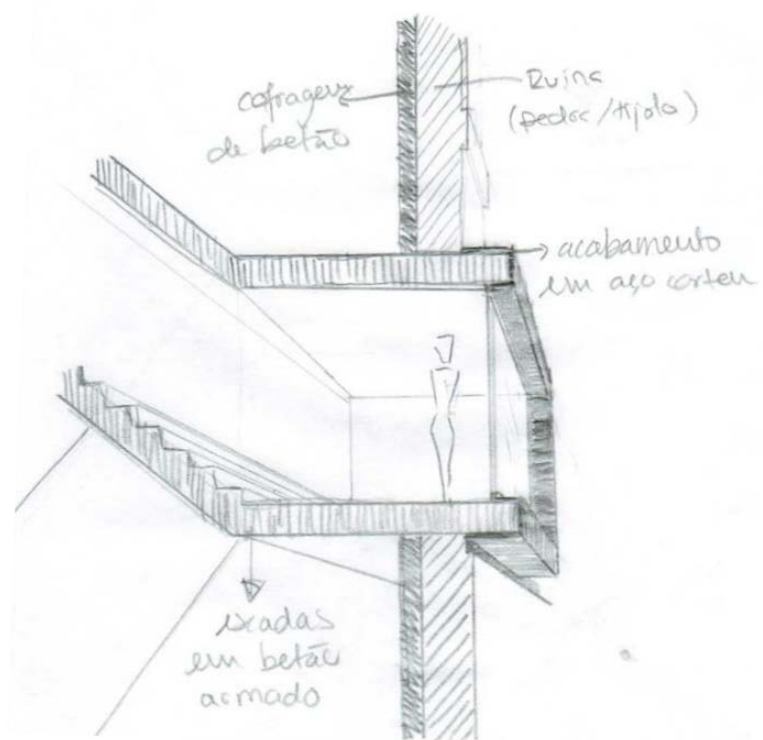


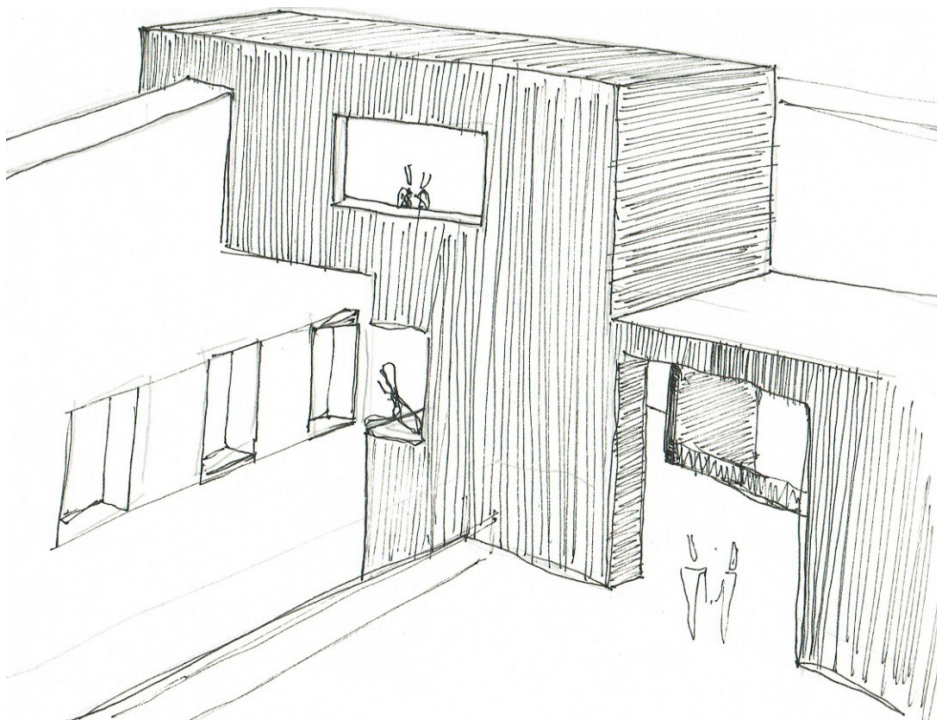
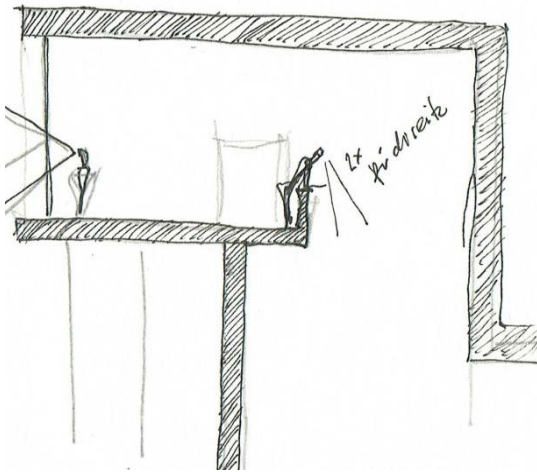
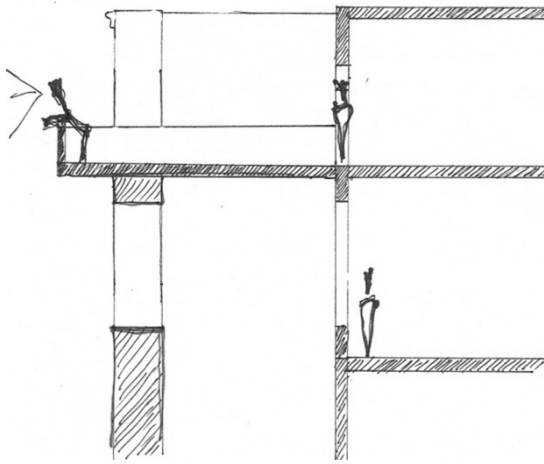






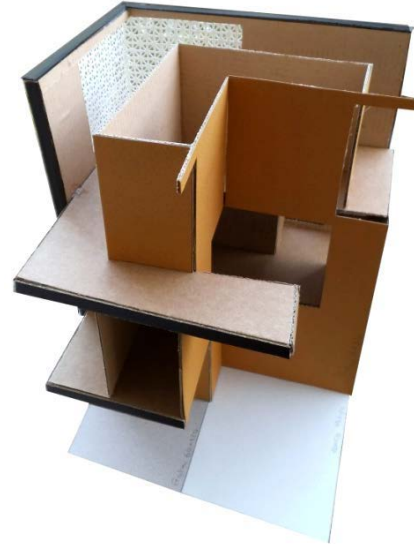
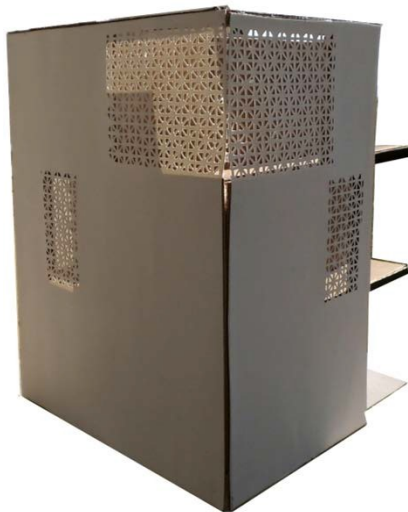






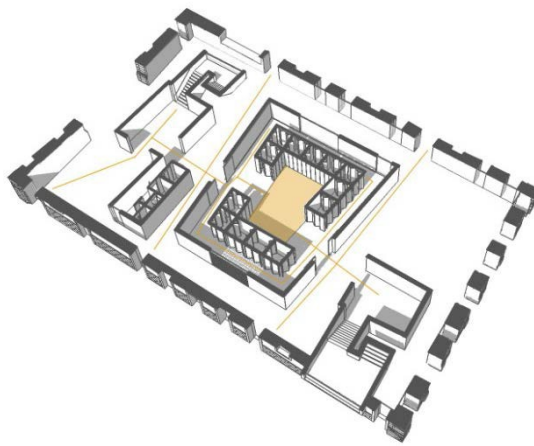
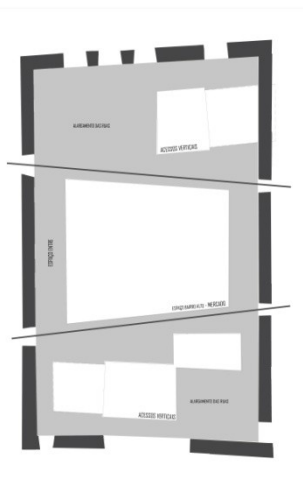
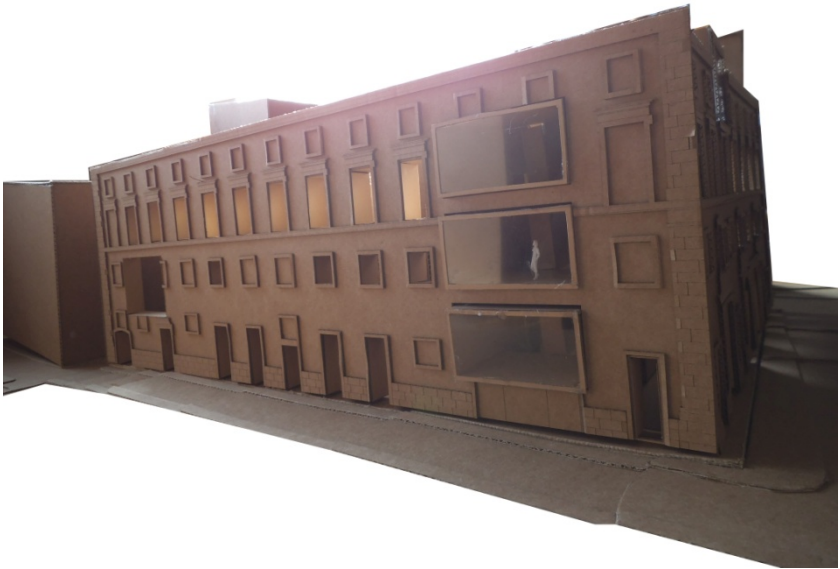
2. MAQUETES DE ESTUDIO





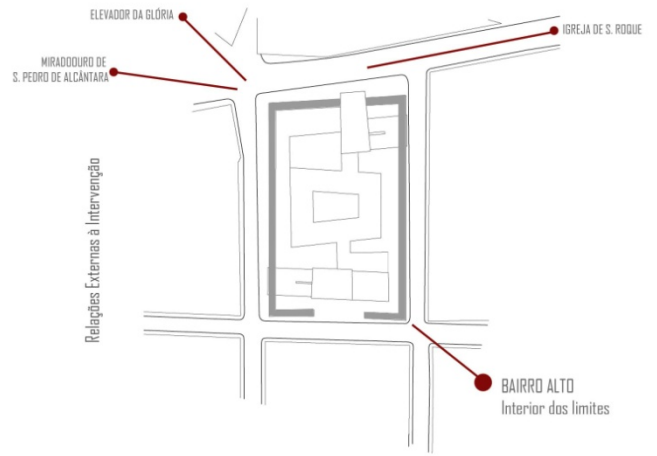
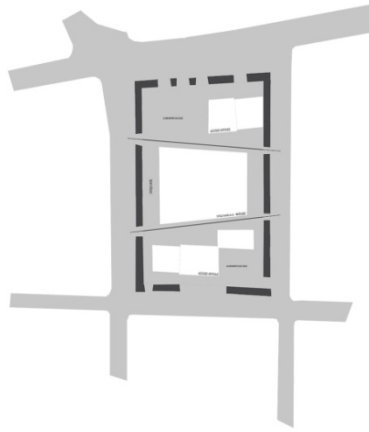
3. MAQUETE FINAL



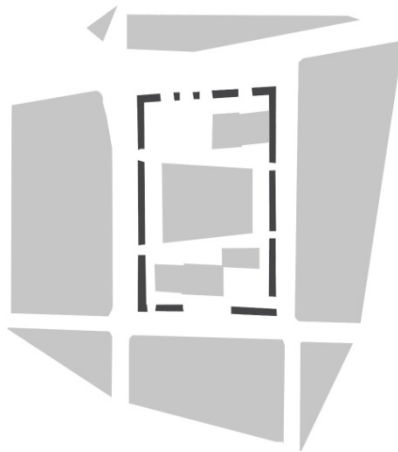


4. DIAGRAMAS

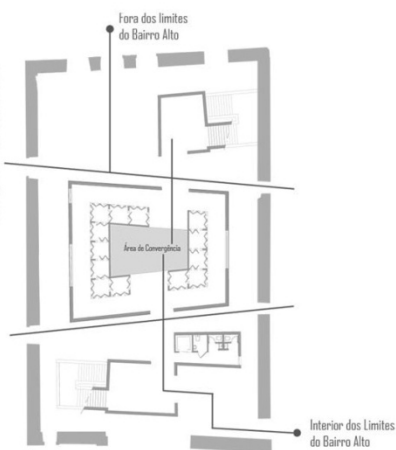
Espacos Entre



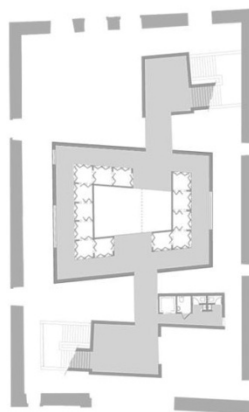
Cheios e Vazios



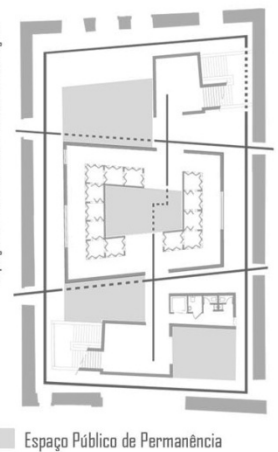
Relação Interior/Exterior



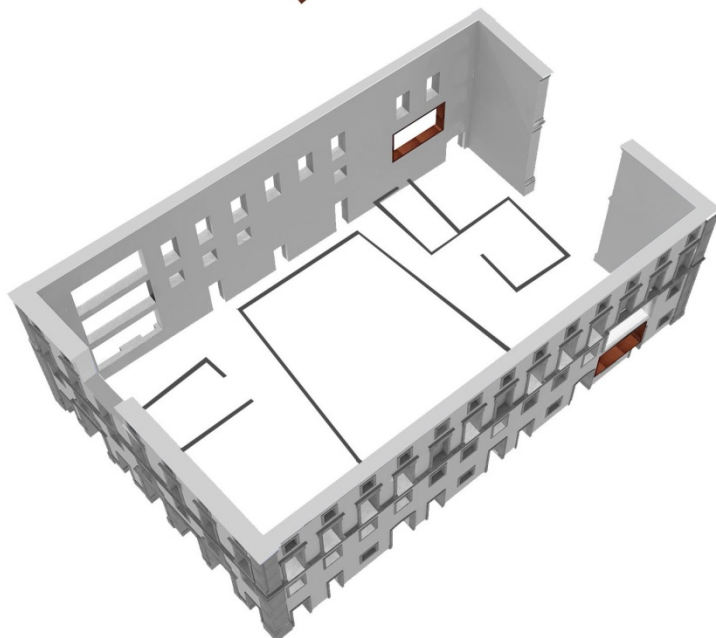
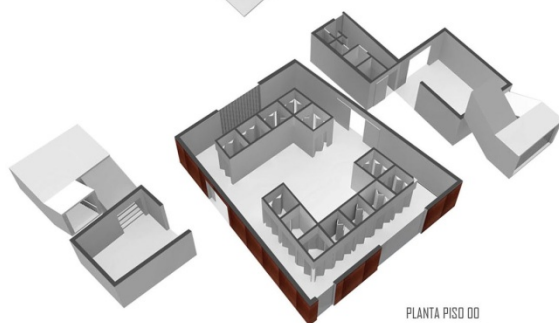
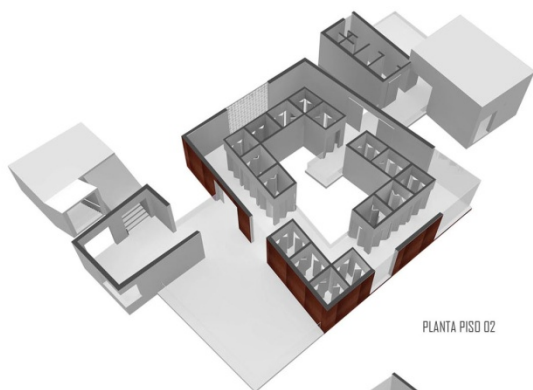
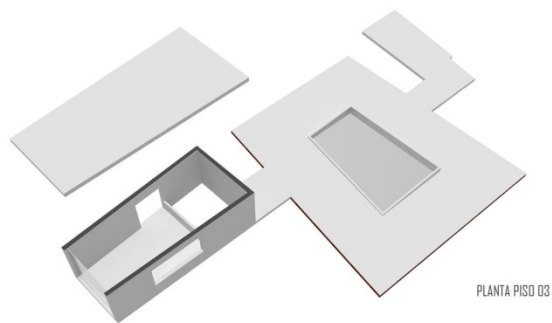
Circulação Interior



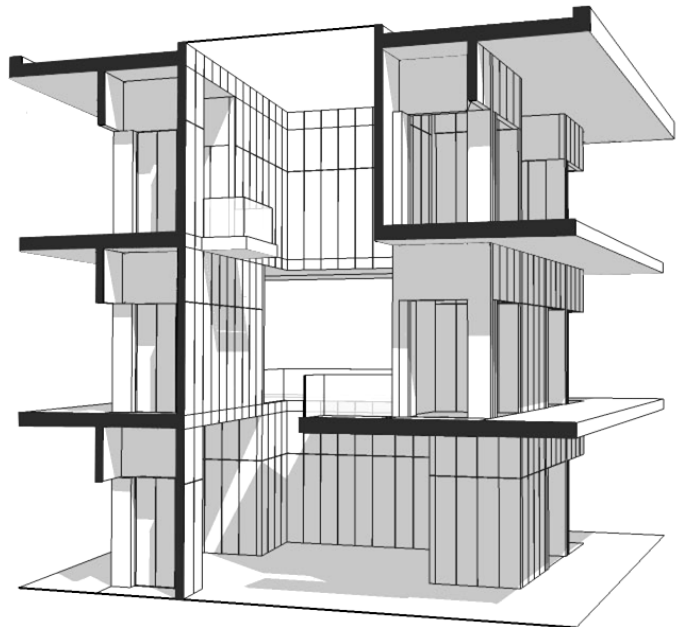
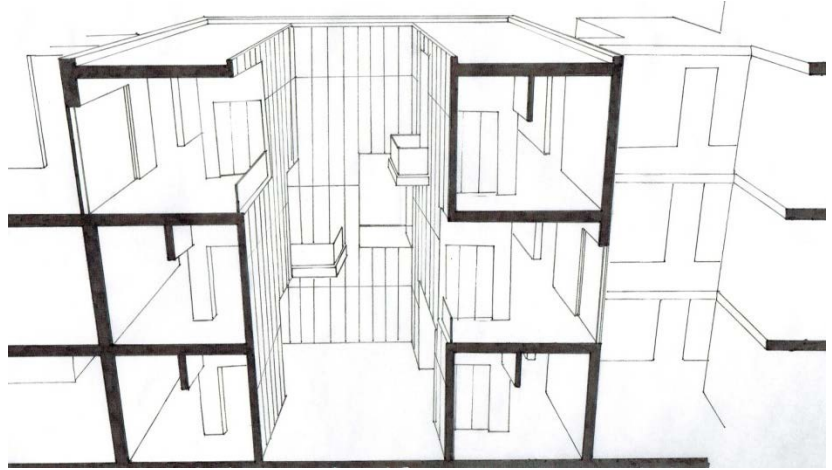
Espaco Público: Permanência e Transição



5. AXONOMETRIA



6. CORTES PERSPÉTICOS



7. VISTAS E FOTOMONTAGENS
DE ESTUDO





8.VISTAS E FOTOMONTAGENS FINAIS





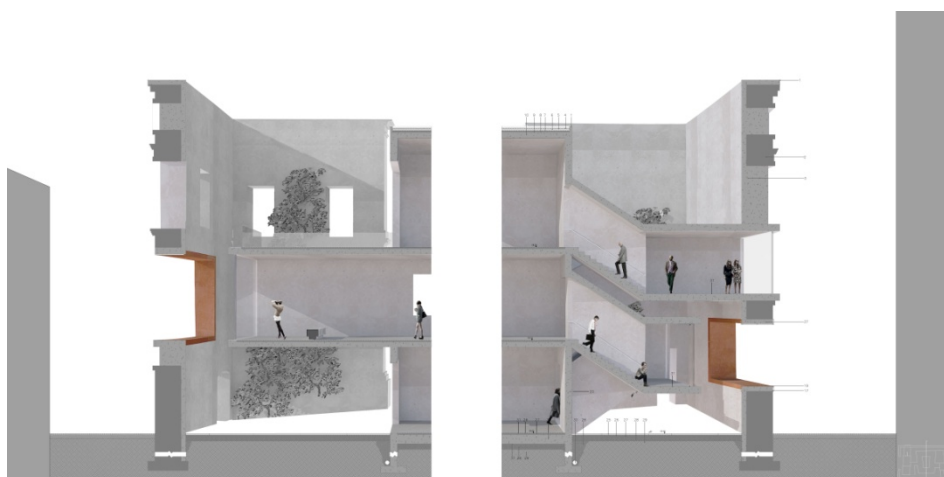
ESPAÇO BAIRRO ALTO - MERCADO



ESPAÇO BAIRRO ALTO - BIBLIOTECA



CAFETARIA



ARQUITECTURAS REVISITADAS

PROPOSTA DE UM NOVO MERCADO DO BAIRRO ALTO NAS RUINAS DO PALÁCIO DOS LUMIARES

ANEXO III – Peças Desenhadas

No Anexo III estão organizados todos os desenhos técnicos referentes ao projecto.

ARQUITECTURAS REVISITADAS

PROPOSTA DE UM NOVO MERCADO DO BAIRRO ALTO NAS RUINAS DO PALÁCIO DOS LUMIARES

ANEXO IV – Pormenores

No Anexo IV estão organizados todos os Pormenores referentes ao projecto, com diferentes escalas de aproximação.

LEGENDAS

1. Rufo de Zinco
2. Pré-Existência
3. Cofragem de Betão Branco
4. Camada de Brita
5. Tela de Impermeabilização sintética e em betume elastómero
6. Isolamento 6cm
7. Barreira Para-Vapor
8. Camada de Forma (Pendente 2%)
9. Betonilha de Regularização
10. Laje de Betão
11. Caixilho de Alumínio cinza escuro
12. Vidro Laminado esp. 5,5mm
13. Corrimão em Aço Inox Escovado Ø 3cm
14. Guarda de Vidro Laminado esp. 1cm
15. Vidro Duplo Laminado esp. 5,5mm
16. Caixilho em Inox
17. Estrutura Metálica
18. Isolamento 4cm
19. Aço Corten esp. 4mm
20. Parede de Betão Branco com acabamento em verniz mate
21. Sistema de Rolamento da Porta
22. Porta com Estrutura Metálica no interior revestida a folha de Nogueira
23. Sistema de Encaixe *Parklex*
24. *Parklex Gold* esp 1,4cm
25. Lajetas de Betão
26. Tela de Impermeabilização
27. Betão de Regularização esp. 5cm
28. Enrolamento Compacto
29. Terreno Natural
30. Dreno Perfurado envolto em Geotêxtil
31. Microcimento "Prata" esp. 4mm
32. Laje de Betão esp. 40cm
33. Mármore Branco "Carrara" amaciado
34. Estrutura de Madeira
35. Betão de Limpeza esp. 5cm
36. Calha de Iluminação
37. Lintel de Betão esp. 20cm